MINIMANUAL DA
ARTE
GUERRILHA
URBANA
COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS

MINIMANUAL DA ARTE GUERRILHA URBANA

COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS

MINIMANUAL DA ARTE GUERRILHA URBANA

FORTALEZA-CE
1ª Edição | Março 2015

REALIZAÇÃO

APOIO

Este projeto foi contemplado com recursos do Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª Edição

**FORMAMOS O COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS
E ESCREVEMOS ESTE LIVRO:**
ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE MOURÃO
MARCOS VENICIUS LIMA MARTINS (MARQUINHOS)
SABRINA KÉSIA DE ARAÚJO SOARES
SARA VASCONSELOS CRUZ (SARA NINA)
STELLA MARIS NOGUEIRA PACHECO

PRÓLOGO
IARA PEREIRA XAVIER
EDIÇÃO DE ARTE
SÉRGIO FUJIWARA
ILUSTRAÇÃO
RAFAEL LIMAVERDE
PRODUÇÃO
IVNA GIRÃO
ASSESSORIA DE IMPRENSA
CAMILA GARCIA
REVISÃO ORTOGRÁFICA
JARIZA MEDEIROS

Catalogação na Fonte
Bibliotecária Perpétua Socorro Tavares Guimarães
CRB 3 801/98

M 929 m Mourão, Alexandre de Albuquerque
Minimanual da arte guerrilha urbana /Alexandre de Albuquerque Mourão, Marcos Venicius Lima Martins, Sabrina Késia de Araújo Soares et al. - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.
56 p.
ISBN: 978-85-420-0572-1
1. Guerrilha- prática urbana I. Martins, Marcos Venicius Lima II. Soares, Sabrina Késia de Araújo III. Título
CDD: 981.083

MINIMANUAL DA ARTE GUERRILHA URBANA é resultado de iniciativa do Edital Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª Edição. As opiniões e dados contidos nesta publicação são de responsabilidade de seus organizadores e autores, e não traduzem opiniões do Governo Federal, exceto quando expresso em contrário | **DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, PROIBIDA A VENDA**

SUMÁRIO

Depois de décadas de luta dos familiares dos mortos e desaparecidos políticos, o Estado brasileiro, pela Comissão Nacional da Verdade, reconhece suas responsabilidades e identifica centenas de seus agentes como responsáveis por crimes de lesa humanidade, como tortura, morte e desaparecimento de opositores políticos. Agora, mais que nunca, é imperativo a mobilização da sociedade para que se cumpram as recomendações do Relatório da CNV e, principalmente, que se faça justiça!

Nesse sentido, entendo o Minimanual da Arte Guerrilha Urbana dos Aparecidos Políticos como um instrumento adequado para esta luta, nesta conjuntura, ainda que inspirado no Minimanual do Guerrilheiro Urbano, escrito, em outra conjuntura, para orientar a luta armada contra a ditadura militar pelo companheiro Carlos Marighella.

*Iara Pereira Xavier**

***Iara Pereira Xavier** é ex-integrante da Ação Libertadora Nacional (ALN) comandada por Carlos Marighella. Membro da Comissão dos Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e do Comitê Pela Verdade, Memória e Justiça do Distrito Federal.

INTRODUÇÃO

Dedicamos este trabalho a todos os desaparecidos políticos e mortos pela ditadura militar, bem como a todas as pessoas que ainda hoje são assassinadas no campo e na cidade, por buscarem a garantia de seus direitos e a justiça social.

Este texto é uma ressignificação do livro Minimanual do Guerrilheiro Urbano, do poeta e inimigo público nº 1 da ditadura, Carlos Marighella. O livro, quando publicado em 1969, serviu de mote para resistência de diversas organizações políticas e tornou-se referência internacional, sendo ainda hoje pouco conhecido no Brasil.

Ressignificar essa publicação em outro contexto histórico, a partir de uma paráfrase com o termo *arte*, não tem como pretensão uma apropriação romântica da palavra que, nos últimos anos, vem sendo capturada por empresas de publicidade e marketing, sendo difundida como um conceito mercadológico: a guerrilha. Sabemos dos riscos de uso dessa palavra. Ademais, a possibilidade, em si da publicação de um material dentro de um edital público já é, por si só, uma característica de ação guerrilheira. Uma brecha dentro de uma política pública em artes.

A ideia de arte guerrilha ou de um *artista guerrilheiro urbano* tem fundamentação nas aproximações sempre presentes entre arte e política, arte ativista, artivismo ou ativismo criativo, e vem sendo produzida e praticada desde a década de 1960.

A ponderação e necessidade da desfetichização do termo guerrilha é anunciada já nas páginas iniciais do livro de Marighella ao qual referenciamos: **"O guerrilheiro urbano não é um homem de negócios em uma empresa comercial, nem é um artista numa obra."[1].** O que talvez um dos homens mais temidos pela ditadura quisesse anunciar, no seu pensamento-ação, é exatamente

1. Carlos Marighella, Minimanual do Guerrilheiro Urbano, 1969, p. 6. [Grifo nosso]

o que mais os artistas ativistas de hoje almejam: **a arte não deve ser representada, enquanto uma cópia da realidade, ela deve ser vivida.** Sem nenhuma pretensão de apresentar uma fórmula exata do que cabe ou não ao artista político, paira em nós a opinião de que esse artista deve negar o congelamento de sua criação.

Este livro faz parte de um processo de memória ligado a mulheres e homens que deram suas vidas para que hoje estejamos aqui. Mulheres e homens que lutaram para que possamos ler e escrever essas linhas, amparados pela liberdade de expressão e manifestação conquistadas à custa de muito sangue, na derrubada da ditadura militar de 1964-1985.

Sabemos, igualmente, das adversidades de se usar a palavra "manual" para tratar de assuntos pertinentes ao campo artístico. Entretanto, o termo "manual", além de ser uma referência ao livro citado, relaciona-se a sugestões de práticas e não a um direcionamento estático e cristalizado.

A aproximação entre arte e política é uma iniciativa de artistas que almejaram se apropriar de práticas criativas no fazer político e vice-versa. Uma atenção a períodos passados dará conta de uma vasta gama de relações entre esses campos, aparentemente, tão distintos. Essa aproximação ocorreu de maneira consistente, e até radical, naquela que foi considerada a primeira revolução operária: a Comuna de Paris, no século XIX. O pintor realista Gustave Coubert, por exemplo, participou ativamente dos quadros revolucionários, dirigiu uma Federação dos Artistas e chegou a organizar a derrubada de um monumento em homenagem a Napoleão, na Praça Vendôme, sendo condenado e exilado após o fim da Comuna. A disseminação de ideias pela chamada Agitação e Propaganda, em meados de 1920, na União Soviética, foram também algumas iniciativas de aproximação entre arte e política. Porém, o perigo da instrumentalização da arte como uma propaganda ou um mero meio, perdendo assim a autonomia da atividade artística, foi alertado pela escrita do Manifesto por uma arte revolucionária independente, em 1938, de Leon Trótski e do surrealista André Breton.

Talvez alguns setores de esquerda façam críticas à apropriação "artística" do método de guerrilha, por ter relação com os conflitos passados entre os perseguidos políticos da época da ditadura militar; de certa forma, aqui e acolá, surgia um confronto entre militantes de organização armada e aqueles

que preferiam protestar por meio de peças de teatro ou documentários. **"O tiro é a razão de existir do guerrilheiro urbano"**, frisava Marighella. Muitas vezes, ao campo artístico foi relegado um caráter secundário e "subjetivo", a criação artística não era tão importante – não que a arte fosse dispensável –, mas a luta de classes era movida pela relação proletariado x burguesia, e não por tintas, versos ou negativos. A participação de artistas em organizações armadas[2] ou de resistência comprova que, não necessariamente, os campos citados se excluíam.

Sem o intuito de polarizar a discussão, o que importa é que a conjuntura dos anos de 1960 já não é a mesma hoje.

Por outra perspectiva, a retomada da memória do Minimanual[3] talvez seja temerosa a militares golpistas e conservadores que, à época, temendo o fim da ditadura militar, rotulavam praticamente todas as ações da resistência (armadas ou não) como "ações terroristas". Do cidadão comum, passando pelo artista, pelo padre, índio, camponês, o jornal de oposição chegando ao militante político tradicional, todos eram apontados como "terroristas" e "subversivos", na tentativa de humilhar e destruir, publicamente, quem não concordasse com o regime de exceção.

A retomada da palavra guerrilha tem, necessariamente, outra significação, outro tempo histórico, como também a necessidade de se reapropriar e disputar essa palavra que vem sendo cooptada pela lógica mercadológica, sendo domesticalizada numa fria "subversão".

O uso de armas para resistir a uma ditadura, tendo como mote o direito à resistência presente e garantida até em legislações internacionais, fato ocorrido, por exemplo, com os Partisans, quando resistiram armados à ocupação nazista na França, talvez não seja tão compreendido por nossa geração que não viveu um regime repressor e autoritário. O contexto era outro e o uso das armas foi um último recurso. Depois de várias iniciativas de resistência a desaparecimentos forçados, estupros e torturas que não davam sinais de

[2] Na Ação Libertadora Nacional (ALN), havia um grupo de artistas: Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre, Carlos Heck, Júlio Barone e Sérgio de Souza Lima; na Ala Vermelha, Alípio Freire e Carlos Takaoka; no Movimento de Libertação Popular (Molipo), Antonio Benetazzo; no Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Sérgio Sister; no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Carlos Zílio e Renato da Silveira.

[3] Segundo Mário Magalhães, o general-de-brigada Durval Andrade Nery flagrou um exemplar do best-seller de Marighella na biblioteca da Escola das Américas, no Panamá, centro militar americano de formação de oficiais estrangeiros. (Magalhães, 2012, p. 504)

término. (Abrimos parênteses para enfatizar que não defendemos o uso de armas no atual contexto político).

Infelizmente, 21 anos de existência do maior tempo de regime militar da história do Brasil, construído à base de coturnos e cassetetes, ainda se inculca, no imaginário social, a "teoria dos dois demônios", segundo a qual, militares e guerrilheiros cometeram as mesmas atrocidades. Como, talvez, alguns mais jovens não saibam, "um dos fundamentos do Estado Constitucional moderno consiste no direito de resistência. Em última instância, ele afirma que toda ação contra um Estado ilegal é uma ação legítima."[4] Não se pode equiparar o peso de um aparelho de Estado e todas as forças possíveis de repressão com organizações e indivíduos que exerciam o direito legítimo à resistência previsto e reconhecido formalmente desde a Revolução Francesa. Nesse sentido, a teoria dos dois demônios, além de uma farsa, é falha, reacionária e contraditória.

Enfim, como salientamos, o importante é que vivemos em outro período histórico.

Seguindo a insígnia "se não há justiça, há escracho popular", esse Minimanual de Arte Guerrilha Urbana tem como objetivo pensar táticas criativas de ação para artistas e movimentos sociais, relacionando arte e política, em um contexto pós Comissão Nacional da Verdade (CNV). E, consequentemente, servir de interlocução entre as combativas lutas dos diversos movimentos sociais e as inventivas produções de artistas e coletivos artísticos.

Nosso objetivo é de fomentar, enquanto sociedade civil, ações que possam levar o Estado brasileiro a consolidar um dos mais importantes passos rumo a uma justiça de transição de uma ditadura para a democracia: a punição dos 377 agentes de Estado que atuaram na Ditadura Militar e que são apontados no relatório final da CNV.

No entanto, não ensejamos apenas a punição de militares perpetradores dos crimes de lesa humanidade (crimes que não prescrevem). Pretendemos sensibilizar, principalmente as juventudes para as questões referentes à ditadura, possibilitando, assim, uma leitura crítica a respeito dos vínculos dos anos de chumbo com o processo de transição

4 Safatle no livro "O que resta da ditadura", 2011, p.1

democrática ainda inconcluso, representado através de leis, instituições e práticas autoritárias que perduram nos dias de hoje.

Não se trata de vingança ou revanchismo, como argumentam os conservadores, pois, ao contrário destes, defendemos a legalidade e a democracia; não almejamos punição aos agentes de Estado com base em torturas, desaparecimentos e assassinatos. Reafirmamos: isso não ensejamos. **Queremos, sim, que se faça justiça e que o Estado brasileiro cumpra tratados internacionais, a sentença da Corte Interamenricana de Direitos Humanos, além das próprias recomendações do Relatório da CNV.**

Se o "Minimanual do Guerrilheiro Urbano" foi escrito a partir das experiências da Ação Libertadora Nacional (ALN), esse Minimanual surge inspirado em lutas travadas há décadas pelos familiares de mortos e desaparecidos políticos, assim como por gerações de jovens que não vivenciaram o período, mas se mobilizam para que o Terrorismo de Estado nunca mais se repita. Esse texto surge num espírito de ações realizadas mais recentemente pelo nosso coletivo, pelos "esculachos" do Levante Popular da Juventude e da Frente do Esculacho Popular, pelas intervenções do Coletivo Político QUEM, Sabô Coletivo, RUA! Tanq Rosachoq e dos Cordões da Mentira; das peças teatrais da Kiwi Cia de Teatro, Grupo Expressões Humanas, Caros Amigos Cia de Teatro; e ainda iniciativas como João e Maria.doc. e o Projeto Memórias da Resistência

UMA DEFINIÇÃO DE ARTE GUERRILHA URBANA

Apesar de o guerrilheiro não ser um "artista numa obra", alguns artistas sempre perceberam uma relação muito imbricada entre o fazer artístico e a luta política. Desde a Revolução Cubana de 1959, a tática de guerrilha tornou-se amplamente conhecida principalmente no espectro político. Alguns fatores primordiais como surpresa, imprevisibilidade, emboscada, psicologia e recursos escassos propiciaram a vitória de uma ilha, como Cuba, contra uma ditadura apoiada por um país de proporções continentais como os Estados Unidos. De certa maneira e sem exageros, esses fatores citados dialogam, intensamente, com as possibilidades de intervenções urbanas usadas hoje por diversos artistas contemporâneos.

O artista guerrilheiro urbano é um homem ou mulher que luta pela consolidação da justiça de transição de uma ditadura para uma democracia. Luta pela memória de centenas de mortos e desaparecidos políticos e pela punição daqueles que cometeram crimes como desaparecimentos forçados, assassinatos e ocultação de cadáver de opositores do regime militar; crimes que continuam impunes e não prescrevem, de acordo com a legislação brasileira.

Muito se diz que, hoje em dia, não há nada contra o que se lutar ou que não há uma "causa" a seguir. Isso não procede. Os agentes de Estado que permanecem impunes e, inclusive, hoje em dia, trabalham em cargos públicos, assim como legislações capengas da ditadura militar, ainda existentes, são exemplos claros do que devemos combater. Necessitamos ressignificar os sonhos concretos de gerações passadas. Ainda bem que não vivemos mais uma ditadura, mas nossa tênue democracia ainda sustenta diversos apêndices conservadores e autoritários.

Nesse sentido, o artista guerrilheiro urbano não teme desmantelar ou destruir as práticas autoritárias da ditadura que ainda persistem na nossa democracia: como a militarização da polícia e da política, a criminalização dos movimentos sociais; os desaparecimentos

de diversos "Amarildos" nas periferias de nossas cidades; a tortura nas delegacias; assim como os assassinatos políticos no campo.

A Arte Guerrilha Urbana não é um serviço nem ajuda que a arte preste à política. Não é propaganda nem instrumento de uma determinada concepção política. Ela transcende a "arte com preocupação social". A Arte Guerrilha Urbana é mais um estado de tensão entre a própria arte e a política. Ela se caracteriza pela convergência de ações políticas com possibilidades criativas. É uma tentativa de superar a política tradicional sem refutá-la totalmente. É um processo, uma potência, uma sensibilidade e não uma definição estática.

A Arte Guerrilha Urbana é o sangue nos olhos do indignado, a palpitação no coração do ser político e o grito silenciado daqueles que se foram. É a memória e o silêncio ensurdecedor dos que tiveram os sonhos interrompidos. Guerrilhamos pelos sonhos dos que se foram. Essa é nossa razão de existir.

Nesse sentido, o militante que for trabalhar com Arte Guerrilha Urbana tem que possuir o mínimo de compreensão sobre política e arte. Para tanto, deve conhecer referenciais, como:

- **A Guerra de Guerrilhas**, de Che Guevara.
- **Brasil Nunca Mais**, de Dom Paulo Evaristo Arns.
- **Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente**, de Leon Trótski e André Breton.
- **Marighella, o Guerrilheiro que Incendiou o Mundo**, de Mário Magalhães.
- **Manual da Guerrilha da Comunicação**, de Luther Blisset.
- **A Partilha do Sensível**, de Jacques Rancière.

A IDEIA: A RAZÃO DE EXISTIR DA ARTE GUERRILHA URBANA

A razão de existir da Arte Guerrilha Urbana, a condição básica pela qual atua e sobrevive, é a "ideia". O artista guerrilheiro urbano tem que saber a hora de implementar a ideia. Qualquer um pode tê-la a qualquer momento, mas o artista guerrilheiro deve saber a hora certa de firmá-la. Como cantaram os Mutantes: "há a hora e a vez do cabelo crescer".

Na política tradicional e, mais especificamente em campanhas eleitorais, observam-se tentativas infindáveis de "chamar a atenção" do público ou do eleitor. A Arte Guerrilha Urbana vai à margem desse tipo de estratégia. Como mencionamos, não refutamos as práticas tradicionais de lidar com os conflitos em sociedade (a arte da política), mas o artista guerrilheiro sempre observa o que está nas entrelinhas desses conflitos, sem desperdiçar o momento certo de realizar sua intervenção, performance, pintura, muralismo ou o que for.

Um fato fundamental e cuja importância não pode ser subestimada é que a Arte Guerrilha Urbana não deve desperdiçar as ideias. Em uma sociedade cada vez mais voltada para as informações "virais" e de massa, no meio de tantos "tiros" de vídeos, imagens e memes, a Arte Guerrilha Urbana deve ficar de tocaia e observar o momento certo de intervir.

Para aprender a intervir e ter boas repercussões em suas ações, o artista guerrilheiro urbano tem que experimentar sistematicamente, utilizando todas as linguagens artísticas que lhe apetecem, nos muros, nas ruas, nos parques e espaços públicos que homenageiam torturadores e ditadores. É uma guerra de guerrilha simbólica diante de centenas de logradouros públicos que fortalecem a memória da repressão.

Os agentes de estados perpetradores de crimes de lesa-humanidade também são um alvo prioritário de nossas ideias e ações. Eles devem se envergonhar

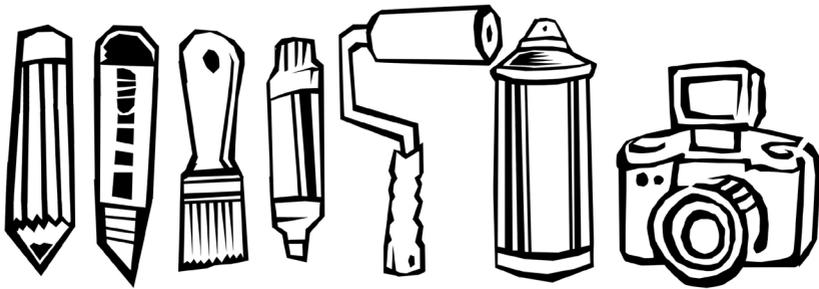
de seus atos e serem constrangidos, publicamente, pelo que fazem ou fizeram. Sem a perspectiva de revanchismo ou agressões físicas, devemos publicizá-los para que a sociedade conheça amplamente aqueles que assassinaram, estupraram, torturaram e fizeram desaparecer centenas de opositores do regime militar e exigir um pedido de perdão oficial das Forças Armadas.

OS GRUPOS OU COLETIVOS

Para ter maior legitimidade, a Arte Guerrilha Urbana tem de ser feita em grupos ou coletivos artísticos, apesar de não dispensar ações de artistas, individualmente. Como bem mencionou o fortalezense Ricardo Rosas, em um texto sobre coletivos artísticos de 2005, os agrupamentos não são uma invenção e já remontam ao período da Revolução Francesa e, no caso do Brasil, ao século XIX. Entretanto, cada época carrega uma particularidade e não é diferente hoje, no momento da escrita desse texto.

A organização em coletivo potencializa a ideia e torna a intervenção bem mais efetiva. Deve-se, portanto, evitar rigidez em sua organização. Apesar de reconhecermos que, em alguns momentos, necessita-se de uma espécie de coordenação, há de se levar em conta que ações construídas na base da horizontalidade, apesar de mais difíceis, são mais recompensadoras.

Cada coletivo elege, na dinâmica de suas relações, a melhor maneira de criar seus próprios trabalhos. Muitas vezes, a ideia surge através de uma pessoa e é recombinada, readaptada, a partir do momento em que é compartilhada. Nesse sentido, quanto mais se planeja uma intervenção em conjunto, melhor.

É interessante também que esses coletivos se organizem em redes, fóruns e comitês, por exemplo. As ações podem ser espontâneas e as redes serem formadas temporariamente ou com maior permanência. Esse minimanual é um exemplo disso. Foi produzido por um coletivo articulado com diversos outros previamente. Desde o início de nossas atividades temos participado de Comitês no Ceará e em Brasília, e integramos a Rede Brasil Memória, Verdade e Justiça, formada, em sua maioria, por ex-perseguidos políticos e familiares de mortos e desaparecidos.

A TÉCNICA DA ARTE GUERRILHA URBANA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A palavra arte, do latim, significa técnica e/ou habilidade. Na história da arte antiga, o artista era aquele que manejava bem instrumentos, por isso muitas vezes era visto como alguém de "baixo nível". A técnica da Arte Guerrilha Urbana tem quatro componentes básicos:

1. Deve ser transgressora. É um ato criador e deve sempre ativar rebeldias, insurgências e subversões, diante de quaisquer conservadorismos nocivos. Deve sempre caminhar junto aos movimentos sociais.

2. É uma técnica de ataque e retirada, pelo qual preservamos nossas forças, potências e criatividades.

3. É uma técnica que busca o desenvolvimento de Arte Guerrilha Urbana, cuja função é desgastar, e distrair as forças autoritárias presentes no militarismo da política e da polícia, nos fundamentalismos religiosos e de mercado.

4. É uma técnica baseada em diversas linguagens artísticas, como intervenção urbana, performance, pintura, gravura, stencil, grafitte, vídeoinstalação, vídeo, radioarte, instalação, fotomontagem, arte gráfica, site especific, etc.

OBJETIVOS DA ARTE GUERRILHA URBANA

Com nossas técnicas desenvolvidas e firmadas, o artista guerrilheiro urbano baseia-se em modelos de ação que o conduzem a atacar e ativar significados com os seguintes objetivos:

a) **denunciar os setores conservadores** de nossa sociedade, representados em todos os eixos das cidades brasileiras, personificados nas bancadas parlamentares fundamentalistas, ruralistas e da "bala" (conhecida frente formada por empresários da indústria das armas, ex-policiais, militares da reserva e apresentadores de programas policiais), além dos coronéis da mídia. O Congresso eleito no ano de 2014, segundo um estudo do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), é o mais conservador desde 1964.

b) **debilitar o cerco midiático ou os sistemas de comunicação** que concentram informação nas mãos de poucas famílias – o denominado oligopólio, proibido pelo artigo 220 da Constituição Federal. Precisamos democratizar os meios de comunicação através da criação de várias frentes de atuação da sociedade civil como a campanha "Para expressar a liberdade".

c) **atacar por todos os lados, com muitos coletivos** e indivíduos diferentes, cada um independente, mas operando em cooperação, para dispersar as forças reacionárias que insistem em se proteger sob uma lei de anistia, criada em 1979, que auto-anistiou os torturadores e foi produzida com 2/3 de parlamentares ligados ao regime militar. Punição aos torturadores da Ditadura militar!

d) **provar sua firmeza, criatividade, ousadia e potência** no ataque contra a injustiça no processo de transição democrática.

e) **expor a insustentável situação da militarização** da Polícia e da Política. Nossa atual polícia, subordinada ao Exército, é uma verdadeira máquina de assassinato. Uma pesquisa feita, em 2014, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que 73,7% dos policiais apoiam a desmilitarização. Somos pelo fim dos autos de resistência que incutem uma pena de morte velada, sobretudo, à juventude negra e pobre, no nosso país.

f) **assegurar aos artistas guerrilheiros** urbanos o máximo de liberdade de ação e movimento, permanecendo firmemente orientados até o começo da guerra de guerrilha da informação e apoiando a construção de um exército revolucionário de sonhadores.

SOBRE OS TIPOS E NATUREZA DE AÇÃO PARA A ARTE GUERRILHA URBANA

Para poder alcançar os objetivos anteriormente enumerados, o artista guerrilheiro urbano está implicado, em sua técnica, a seguir ações cuja natureza seja diferente e diversificada. O artista guerrilheiro urbano não escolhe arbitrariamente este ou aquele modelo de ação, apesar das possibilidades múltiplas de experimentação necessárias para a criação livre.

Antes de qualquer intervenção, o guerrilheiro urbano tem que pensar nos métodos e na disponibilidade das pessoas para realizá-la. As operações e ações que demandam a preparação técnica do artista guerrilheiro urbano não podem ser executadas por alguém que careça de destrezas técnicas. Com estas precauções, os modelos de ação que podem ser realizados são os seguintes:

REBATISMO POPULAR

O Rebatismo Popular ou Social é uma ação simbólica de troca de nome de alguma instituição, rua, avenida ou até cidade com intuito, na maioria das vezes, de promover a mudança oficial de um nome antigo por um novo nome pelo qual a sociedade civil ou comunidade local se sinta representada.

Geralmente, são ações realizadas em locais públicos que foram "batizados", originalmente, pelas classes dominantes que veem no espaço público a possibilidade de referenciar os interesses, as personalidades e as memórias particulares. **O rebatismo é um ato de disputa em torno de uma memória.**

As ações de rebatizar vêm seguidas, também:

- **da publicização** através de abaixo-assinados;
- **distribuição** de panfletos e;
- **fixação** de cartazes e faixas informativos.

Não se sabe ao certo, quando se iniciaram, mas na cidade de Fortaleza, por exemplo, há um caso de rebatismo de um logradouro, realizado pelo poeta Quintino Cunha, ainda nos anos de 1930, quando organizou a substituição das placas da então avenida Washington Luís para rebatizá-la com o nome do revolucionário João Pessoa, que persistiu até hoje.

A CNV, em seu Relatório Final, na 28ª recomendação da parte V, destaca a necessidade de "promover a alteração da denominação de logradouros, vias de transporte, edifícios e instituições públicas de qualquer natureza, sejam federais, estaduais ou municipais, que se refiram a agentes públicos ou a particulares que notoriamente tenham tido comprometimento com a prática de graves violações". No Brasil são milhares os logradouros públicos com referências diretas a torturadores e ditadores e quase mil escolas com nomes de presidentes da ditadura e colaboradores. Dentre esses espaços, há, inclusive, creches homenageando o ditador Emílio Garrastazu Médici.

Para o artista guerrilheiro urbano, existem diversas formas de interferir nesses espaços. Para um momento inicial, pode-se aproveitar as cartografias já realizadas em algumas cidades brasileiras, como Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza e São Paulo, cujo material pode ser acessado em endereço eletrônico disponível no final desse livro. Caso sua cidade não possua uma cartografia, você mesmo pode realizar a sua, conversando com ex-perseguidos políticos e professores de história. Tentar contato com os Comitês pela Memória, Verdade e Justiça de sua região também é uma boa maneira de encurtar o caminho de acesso aos fatos.

Munido das informações, o artista guerrilheiro se direciona ao local a ser rebatizado, podendo fixar uma outra placa por cima da original ou produzir uma outra explicando a história do torturador e posicioná-la abaixo da "original". No caso de fachadas de prédios ou muros, pode-se realizar um grafite ou pintura por cima do nome original.

A ação de rebatismo não deve ser uma ação com o fim em si mesma nem um espontaneísmo político. É interessante que o artista acompanhe o processo como um todo e que, preferencialmente, construa a ação com aval e conhecimento da comunidade.

Apesar de ser uma intervenção de tocaia, muitas vezes um rebatismo público é aberto a toda sociedade, demonstrando que não temos medo nem receio de realizar um ato necessário e legítimo, posto que o próprio Estado brasileiro reconheceu que a permanência desses nomes é uma violação de direitos. Desde o processo de abertura democrática, e, mais recentemente, no período de instalação das diversas comissões da verdade, houve algumas mudanças oficiais, como no caso da Escola Presidente Médici, em Salvador, cujo nome foi mudado para Escola Carlos Marighella, em 2014.

ESCULACHO (OU ESCRACHO)

Nesse tópico, em específico contamos com a valorosa contribuição da *Frente do Esculacho Popular* que explica o passo a passo de um esculacho:

A **Frente de Esculacho Popular** começou suas atividades em São Paulo, em 2012, inspirada nos escraches argentinos e nas funas chilenas. As ações, tanto deles quanto nossas, consistem basicamente em ir até a casa de alguém que colaborou com o regime militar, como torturadores ou médicos legistas, por exemplo, e mostrar para seus vizinhos quem é, na verdade, aquela pessoa que anda tranquila, livre e impune por aí, com todos seus crimes de estupros, assassinatos, tortura e ocultação de cadáveres acobertados pela Lei de Anistia (de agosto de 1979).

A ideia não é entrar em confronto com essas pessoas, apenas publicizar e mostrar quem são e o que fizeram. Se nosso país não prestou contas de seu passado sombrio e não concretizou a devida justiça de transição, vamos ao menos, lutar por memória e verdade, pedindo sempre justiça. Antropofagicamente, pegamos a palavra "escracho", emprestada dos argentinos, e transformamos em esculacho, reapropriando-nos deste termo popular que é utilizado para se referir à violência de agentes do estado hoje. Com o nome "esculacho popular", queremos sempre fazer uma ponte e deixar claro que a impunidade do passado dá carta branca à violência policial de hoje, principalmente contra jovens pobres e negros das periferias das grandes cidades.

1. Para fazer um esculacho, o grupo deve escolher um "alvo". É necessária uma extensa e demorada pesquisa, não se pode acusar alguém de torturador ou colaborador da ditadura sem mais nem menos. A pesquisa deve se apoiar em documentos ou relatos em livros e materiais publicados sobre o período.

2. Depois de escolhido o "alvo" é necessário descobrir o endereço de sua casa. Listas telefônicas ou o Google costumam ser úteis nesses casos.

3. Descoberto o endereço, ele deve ser checado. O grupo não pode correr o risco de fazer a ação na casa de uma outra pessoa, por engano. Tocar a campainha, perguntando se a pessoa está, costuma ser uma boa tática, ou telefonar.

4.Tudo pronto e checado, o grupo deve fazer cartazes A3 que serão utilizados como lambe-lambe para informar aos vizinhos e a todas pessoas que passem pela região quem é aquela pessoa e o que ela fez.

5. Além dos lambe-lambe, cartas devem ser escritas, com textos mais longos que os dos cartazes, dizendo porque o grupo está fazendo a ação e porque é importante, ainda hoje, publicizar estes fatos. Um breve histórico das ações de colaboração do "alvo" com a ditadura também é muito importante.

6. Os materiais devem ser impressos em uma gráfica de confiança.

7. Com o material impresso, é chegado o dia da ação. Outros colaboradores podem se somar ao grupo e a imprensa de confiança deve ser avisada com antecedência. Quanto mais repercussão na imprensa e nos grandes meio de comunicação, melhor. Porém, o grupo precisa tomar muito cuidado e estar cercado de advogados conhecidos durante a ação. Nada de falar das ações por celular, facebook ou e-mail comum. Apenas e-mail criptografado ou ao vivo. Todo cuidado é pouco.

8. No dia da ação, uma cola de polvilho deve ser preparada: É só juntar 5 colheres de sopa de polvilho doce ou azedo em 750ml de água e ir mexendo no fogo até engrossar (é fácil perceber quando engrossa). Depois de tirar do fogo, deve-se juntar mais 250 ml de água fria. Quando esfriar, junta-se um pouco de cola branca.

9. Com a cola e os cartazes prontos, grupos devem sair, para colar os cartazes perto da casa do "alvo". Um mapa com o itinerário de cada grupo deve ter sido traçado previamente. A ação deve ser feita de madrugada, sem chamar a atenção dos vizinhos e transeuntes. A Frente de Esculacho Popular, geralmente, cola 800 cartazes num raio de 2 ou 3 quilômetros da casa do alvo. O ideal é usar a cola com uma brocha ou pincel largo, uma camada sob o cartaz, na superfície onde será colado, e outra sobre o cartaz, nele mesmo.

10. No dia seguinte, com as redondezas da casa do "alvo" repletas de cartazes, um cortejo deve seguir em direção à sua casa mais uma vez, em ato público e pacífico, com música, bateria, com o grupo entregando as cartas aos vizinhos e a quem estiver passando na rua. Na frente da casa do alvo, um manifesto deve ser lido, explicando a ação e quem é aquela pessoa alvo do esculacho.

11. Se tudo correr bem, mais pessoas estarão informadas sobre crimes do passado que continuam impunes e a ação aparecerá nos grandes meios de comunicação, cumprindo seu principal objetivo: informar e publicizar que o Brasil ainda não prestou contas de seu passado recente nem completou seu processo de transição e que, exatamente por isso, crimes da mesma espécie continuam sendo cometidos todos os dias por agentes do estado.

***Frente do Esculacho Popular* (FEP)**

● **A listagem dos 377 nomes a serem esculachados** estão apontados no relatório final da CNV, disponíveis em anexo nesse minimanual. Ainda há 196 repressores vivos e 45 sem paradeiro conhecido. Por fim, na Parte V do citado Relatório, há a recomendação de "cassar as honrarias que tenham sido concedidas a agentes públicos ou particulares associados a esse quadro de graves violações, como ocorreu com muitos dos agraciados com a Medalha do Pacificador". (p. 16) O esculacho, também, pode ser feito no sentido de denunciar quem são os violadores homenageados com essas honrarias. Com esse documento oficial do Estado brasileiro, o Relatório Final, não há a desculpa de que não houve investigação e de que não há provas jurídicas.

● **A prática de escrache constrói, no dia a dia**, imagens que marcam o genocida tirando-o do anonimato. As frases nos muros começam a dizer "Há um torturador no bairro" e "Se não há justiça há escracho". Os/as vizinhos/as agora estão alertas, recebem panfletos e, em geral, dialogam com os participantes do escrache. (Pensamentos, práticas e ações do GAC, Grupo de Arte Callejero, Argentina)

LAMBE-LAMBE

É uma antiga técnica de fixação de pôster, através de cola branca, de polvilho ou de farinha, em espaços abertos. Atualmente, na arte urbana, vem sendo usada em larga escala por artistas de rua, por ser uma maneira econômica de divulgação (baixo custo para confecção) de um trabalho em série.

Geralmente, quando se vai trabalhar na rua, é interessante que as imagens tenham grandes dimensões, pois é comum a impressão de materiais que, ao serem colados em algum suporte, perdem-se na visão aberta da cidade. A impressão em larga escala pode ser feita em uma impressora comum, bastando o download de programas, como o Rasterbator, que possam imprimir uma figura em diversas folhas tradicionais, formando, ao final, uma imagem em larga escala. Outra opção é a de reproduzir a figura desejada em gráficas tipo serigrafia que barateiam os custos, caso as folhas sejam impressas em grandes quantidades.

Ao realizar alguma ação com lambe-lambe, deve-se atentar para a questão da poluição visual. É comum esse tipo de prática disputar espaço com propagandas de shows, cursos, entre outros. Nesse sentido, é interessante a escolha de um local que possa dar visibilidade à imagem.

OCUPAÇÃO

É um tipo de ato em que o artista guerrilheiro se fixa em estabelecimentos e localizações específicas por tempo indeterminado ou não. Pode designar tanto uma ocupação de terra como de prédios abandonados e instalações artísticas.

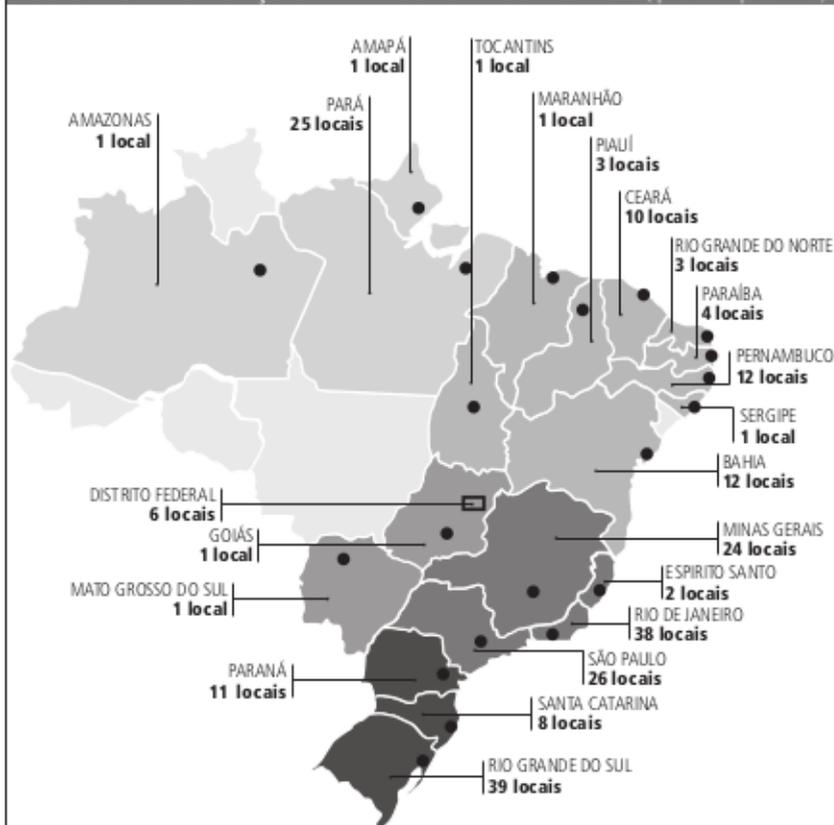
Há uma vertente antiga, com os chamados "Squats", assim como "Okupas", que data dos anos de 1960. No campo da intervenção urbana, o termo "Zonas Autônomas Temporárias", criado por Hakin Bey, ficou bastante conhecido. Em 2011, o termo entrou muito em voga, por ser usado por movimentos sociais como o "Occupy Wall Street", nos Estados Unidos, e das "Acampadas", na Espanha. Ocupações bastante difundidas no Brasil foram da Ocupação Prestes Maia, em São Paulo; assim como, mais recentemente, o "Ocupe Estelita", em Recife-PE e "Ocupe o Cocó", em Fortaleza-CE.

O Relatório Final da CNV listou cerca de 230 instituições e locais associados a graves violações de direitos humanos e, ainda sim, afirmou ser certo haver muito mais instalações não catalogadas. Nesse sentido, há um vasto campo de locais, principalmente abandonados, que podem ser ocupados no sentido de disputar a memória.

Uma das iniciativas mais interessante tem sido o #OcupaDOPS, no Rio de Janeiro, coletivo constituído por grupos, entidades de direitos humanos, ex-presos políticos e militantes autônomos que tem organizado uma campanha pela transformação do antigo prédio do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), um conhecido espaço de prisão e tortura, em um Espaço de Memória da Resistência.

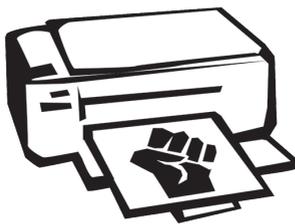
Algumas instalações seguem abandonadas, criando assim um espaço propício para a ocupação, no sentido de garantir uma função social e cultural. Esses prédios têm grande potencial para servir de espaços expositivos e galerias, assim como centros de resistência e articulação de entidades que lutem pela

garantia da justiça de transição. O artista guerrilheiro urbano pode e deve aproveitar essas oportunidades, em articulação com diversas organizações, e propor a criação de uma Ocupação que, futuramente, possa dar espaço para um Museu ou Memorial oficializado e reconhecido pelo próprio Estado.

> "A reparação dos danos causados pelo impacto da violência de Estado no conjunto da sociedade se faz através de medidas concretas, como a criação de suportes de memória, ou seja, a implementação de instrumentos que reivindicam o reconhecimento de um passado deliberadamente soterrado, esquecido e silenciado pelas versões oficiais da história, e contribuem com a formação de princípios éticos para a construção democrática do presente e do futuro. O Estado brasileiro e o governo do Rio de Janeiro têm esta dívida histórica pendente. Tornar público o que ocorreu em tempos sombrios fortalece a cidadania, revigora a democracia e pavimenta um futuro de mais justiça.
>
> No intuito de fazer do prédio do antigo DOPS/RJ um marco na defesa e promoção dos direitos humanos no Rio de Janeiro, queremos a imediata transformação deste em um espaço de memória da resistência e das lutas sociais!"
>
> (Trecho do Manifesto da Campanha pela transformação do prédio do ex-DOPS/RJ em Espaço de Memória da Resistência (Ocupa DOPS)

Mapa do Relatório Final da CNV, p. 830 do Capítulo 15 do Volume I

ESTÊNCIL

Uma das técnicas da Arte Guerrilha Urbana mais difundida atualmente, principalmente dentro dos movimentos sociais, o estêncil, caracteriza-se pela produção de uma imagem através da aplicação de tinta (geralmente spray) ou aerosol, em um suporte cortado no qual a área vazada (cortada) fará a composição da imagem.

Por isso, em algumas regiões é conhecido como "vazado". O suporte usado para produzir um estêncil geralmente é um papel de boa gramatura, como radiografias ou papel duplex, para garantir diversas aplicações serializadas. Uma das vantagens dessa técnica é que não necessita muita habilidade em desenho primário. Ou seja, alguém com poucas habilidades no manejo da ilustração pode muito bem baixar um arquivo na internet, imprimi-lo, pôr na superfície da radiografia, cortar e finalizar a aplicação.

OFICINAS

Em um período em que cada vez mais a informação tem papel central no cenário político, é quase obrigação da arte guerrilha a democratização e distribuição das informações. Repassar o conhecimento através de oficinas possibilita que pessoas distantes das temáticas relacionadas aos movimentos sociais se aproximem da luta e passem a conhecer mais as demandas "fora das pautas" dos veículos tradicionais de mídia. Além do mais, potencializam o conhecimento daqueles que já se envolveram em lutas sociais.

As oficinas de formação se caracterizam por ser um processo de ensino e aprendizagem que distribui materiais tais como textos, livros e vídeos para os interessados em adquirir novo conhecimento.

Esse minimanual foi produzido para ser um suporte para oficinas. Nesse sentido, ao ler esse material você pode ser um replicador das ideias e propostas contidas aqui. Leve para a turma, distribua entre os alunos, problematize as questões tratadas e, se possível, passe a prática. A leitura desse minimanual se complementa nas ações praticadas. É assim que o ciclo da Arte Guerrilha Urbana se fecha diante da necessidade de acompanharmos e exigirmos as recomendações do Relatório Final da CNV.

RÁDIOS E TVS LIVRES

É sabido que os principais meios de comunicação atuantes, ainda hoje, apoiaram, abertamente, o golpe militar; e, alguns deles, durante os anos de chumbo, permaneceram como um apêndice dos órgãos repressivos, divulgando reportagens de "caça aos terroristas" e manipulando informações[5].

Um dos principais resquícios do período ditatorial, na comunicação, são as práticas autoritárias de concentração desses meios nas mãos de poucas famílias, assim como o viés mercadológico, e não de direitos, do ato de se comunicar. A lei da imprensa, criada em 1967 e que vigorou até 2009, proibia, por exemplo, a "subversão" e restringia uma série de outras liberdades. Hoje em dia, no Brasil, podemos dizer que vivemos sob um oligopólio nesse setor: as quatro maiores emissoras de televisão do país controlam 202 geradoras (57,71% do total) e 6.271 retransmissoras (68,20% do total), segundo dados do Sistema de Controle de Radiodifusão - Anatel.

As Rádios e TVs Livres são emissoras que, através da prática da desobediência civil, pautada em cláusula pétrea (ou seja, direito constitucional imutável), questionam a falta de democratização nos meios de comunicação. Atuando fora do âmbito estatal e privado-comercial, e através de uma organização coletiva e autônoma, emitem ondas eletromagnéticas de frequência modular. Sem o uso de publicidade comercial, o caráter dessas rádios é experimental e eminentemente

5 Ver Texto 8 - Civis que colaboraram com a ditadura do Relatório Final da CNV

político, trazendo assim uma série de indagações que podem ser replicadas em escala global com o uso da Internet (denominadas web-rádio). Na sua tradição carregam, uma série de máximas, como: "Nem legal, nem ilegal: livre"; "Por uma reforma agrária no ar" ou "Piratas são eles que estão atrás do ouro". Como dizia Ernesto Che Guevara, no livro Guerra de Guerrilhas: "A propaganda que será mais efetiva, apesar de tudo, a que se fará sentir mais livremente em todo âmbito nacional e que chegará à razão e aos sentimentos do povo, é a oral, por rádio. O rádio é um elemento de extraordinária importância".

As rádios e TVs comunitárias, apesar de se diferenciarem das livres por obterem uma concessão estatal (as livres não possuem), também são importantes veículos de transmissão na difícil luta pela democratização, combatendo o coronelismos eletrônico sempre em conluio com algumas das bancadas do Congresso. Tanto as emissoras livres como as comunitárias detêm um papel importantíssimo na luta pela consolidação da democracia.

Por fim, a grosso modo, para se realizar uma transmissão, basta um aparelho transmissor, antena, cabos e um computador com microfone. Mas é importante salientar que antes da questão técnica, necessita-se uma boa articulação em coletivo para manter a emissora depois de adquiridos os equipamentos. Atualmente, uma das plataformas mais importantes na difusão dos movimentos de rádios e TV livres é o portal radiolivre.org. Lá poderão ser acessados bem mais referências assim como tutoriais mais completos tratando a questão.

TÁTICAS DE RUA

A rua é um elemento imprescindível para a Arte Guerrilha Urbana. Ela funciona como um elemento relacional entre o "público" e o arte ativista urbano que "se une à multidão e participa das marchas populares com fins específicos e definitivos."[6], escapando assim, do tradicionalismo dos museus e galerias.

Marighella anunciava que "as táticas de rua são usadas para lutar com o inimigo nas ruas, utilizando a participação das massas contra ele."[7]

Geralmente, tende-se a crer que uma intervenção de um coletivo ou de um artista são ações isoladas e que, pelo fato de as massas serem homogêneas, não vão permitir manifestações singulares, para não atrapalharem o sentido de unidade necessário ao ato político do povo. É necessário balancear o geral e o específico: essa é uma das habilidades necessárias à arte guerrilha.

As contribuições da arte guerrilha para as manifestações de massa são importantes para mudar o padrão "carro de som- palavras de ordem-faixas" que, muitas vezes, causam uma imensa poluição visual e sonora e não possibilitam um impacto objetivo às pessoas que observam o ato público. Não que o artista guerrilheiro deva ser alguém que "estetize" a manifestação – apesar de poder fazê-lo algumas vezes –, mas o fundamental é conseguir trazer as massas para uma ação coletiva criativa.

Exemplos de estetização de uma manifestação política são os imensos bonecos de papel-machê ou intervenções teatrais: elas dão outro caráter ao ato político de grandes proporções e singularizam a manifestação de várias pessoas em torno de simbologias importantes para o movimento social. Exemplos bem batidos e que devem ser evitados são as manifestações de

6 Carlos Marighella, Minimanual do Guerrilheiro Urbano, 1969, p.37

7 Carlos Marighella, Minimanual do Guerrilheiro Urbano, 1969, p.36

movimentos sociais em que se carregam caixões e cruzes, simulando enterros; assim como aquelas em que as pessoas colocam nariz de palhaço. Nossa criatividade deve ser maior que esses exemplos clichês, com todo respeito a quem já realizou esse tipo de manifestação. O Exército Clandestino Insurgente de Palhaços Rebeldes assim como o Cordão da Mentira são exemplos de ações coletivas que conseguem aglutinar boa parte de manifestantes em torno de uma ideia criativa.

MURALISMO

Trata-se do ato de pintar em paredes. De certa forma, pode-se inferir que é uma das artes mais antigas da humanidade, pois já se fazia nos tempos dos homens das cavernas. Hoje, as cavernas, guardando os devidos contextos históricos, deram espaço aos prédios, viadutos, fachadas, escolas etc..

Uma das técnicas mais antigas do muralismo é o afresco, no qual se aplicam pigmentos de cores diversas sobre argamassa úmida. Dentro do campo da arte guerrilha urbana, os muralistas mexicanos, como Diego Rivera, José Orozco, David Siqueiros e o brasileiro Cândido Portinari, são uma inspiração, pois realizavam suas pinturas em consonância com as Revoluções sociais do início do século XX.

O muralismo, de acordo com seus precursores, deve ser uma arte de alcance social e crítica que rompa com a pintura de telas e os meios tradicionais de divulgação como galerias, museus e coleções particulares. É uma produção artística que possui uma ampla possibilidade de inserção e divulgação devido a seu caráter público. Entretanto, algumas vezes é um tipo de intervenção que demanda uma grande mão de obra, caso a pintura seja em escalas monumentais. Diferentemente de outras ações citadas acima, o muralismo demanda um tempo mais longo para ser realizado, pois muitas vezes requer um rascunho e esboço.

As maneiras como o artista guerrilheiro pinta sobre muro são as mais variadas possíveis: pode-se realizar diretamente a pintura sobre a parede sem nenhum tipo de rascunho, ou então se realiza esse rascunho com carvão ou pincel com cores claras. Outra possibilidade é a de projetar no muro a imagem que se deseja. O estêncil serve como um excelente auxiliar no processo criativo dessa técnica.

CARTAZES E "MEMES"

Desde a Revolução Francesa, passando pela Comuna de Paris, a Revolução Russa, Cubana, Chinesa, os protestos contra a Guerra do Vietnã, a Revolta de Maio de 1968 e a resistência contra a Ditadura, os cartazes vem desempenhando uma função importantíssima no cenário das lutas sociais.

Uma das mais tradicionais ações gráficas, os cartazes se caracterizam por serem códigos imagéticos que remetem a um fato ou situação política. Ilustram um contexto, conclamam uma mobilização, expõem em outra perspectiva uma demanda política. Nos períodos citados eram mais produzidos através da técnica de serigrafia (um processo de impressão da tinta, através de uma tela vazada, em um suporte geralmente de papel). Esse processo facilitava a impressão de diversas cópias devido, principalmente, à precariedade de fontes e recursos disponíveis para os movimentos sociais.

Hoje, de certa forma, os "memes" vêm ocupando a função dos "cartazes". Aqueles se caracterizam por serem produções realizadas através de computação gráfica e publicadas nas redes sociais. Não sabemos até que ponto se trata de um modismo, mas o fato é que vem se caracterizando com uma importante ferramenta aglutinadora de lutas. O Movimento Occupy Wall Street, por exemplo, teve um de seus estopins a partir de um "meme" criado pela Rede Adbusters, ilustrando uma bailarina dançando em cima do touro da Bolsa de Valores: o meme, amplamente compartilhado, trazia um chamado para a ocupação do maior centro financeiro do mundo.

ARTE GUERRILHA URBANA PARA PREVENÇÃO DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS E PELA NÃO REPETIÇÃO

Esse pequeno manual não deve ser visto como um objetivo centrado, exclusivamente, na pauta da justiça de transição. Ele deve ser compreendido como uma das primeiras, das várias tentativas que virão do povo brasileiro, para efetivar as recomendações de um dos mais importantes documentos da história da República contemporânea: o Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade. E aqui o mais fundamental: recomendações essas que interessam, diretamente, às diversas lutas dos movimentos sociais.

Apesar de possuirmos algumas ponderações, em relação à parte do conteúdo desse documento – e de sabermos que se trata de uma publicação do próprio Estado -, é necessário admitir que o relatório acertou e avançou, politicamente, na recomendação de medidas e políticas públicas, para prevenir violações de direitos humanos e assegurar a não repetição de um período totalmente arbitrário. Apesar de o próprio Estado ter de ser o primeiro a viabilizar as recomendações que ele mesmo fez – a partir de uma de suas várias instituições-, o relatório joga, também, para nós, sociedade, uma imensa responsabilidade e dever: o de pressionar a viabilização dos pontos publicados.

É justamente nas recomendações que todas as lutas de diversos movimentos sociais, em diversas regiões do país, convergem. Elas abordam assuntos totalmente pertinentes e relacionados diretamente às pautas de cada movimento social em específico.

No Relatório Final, o próprio Estado está reconhecendo o que, onde e como se devem aprimorar as instituições, principalmente, as de segurança pública. Só para citar alguns apontamentos, das 29 recomendações do relatório, temse: o reconhecimento de culpa pelos crimes da ditadura pelas Forças Armadas; a punição dos agentes públicos; proibição de comemoração do golpe

militar; modificação dos currículos das academias militares e policiais; fortalecimento das defensorias públicas; revogação da Lei de Segurança Nacional; desmilitarização das polícias e muitos outros. Imaginemos o Estado brasileiro efetivando essas recomendações: como seriam nossas lutas, na prática, a partir do cumprimento dessas medidas?

Sabemos que será um caminho árduo e que a conjuntura política dos próximos anos não se apresenta favorável. Entretanto, como mencionamos ao longo desse minimanual, as ideias e os espíritos de nossos mortos e desaparecidos permanecem no espectro de nossas rebeldias. Por isso, não pararemos. No momento em que você lê esse documento, diversas organizações, coletivos, fóruns e indivíduos também recebem esse material, para compartilharem e fomentarem suas respectivas lutas. Revivamos as ideias do guerrilheiro que incendiou o mundo. Façamos dessa pequena contribuição da Arte Guerrilha Urbana uma faísca na luta por um outro mundo possível.

Os Aparecidos Políticos, Janeiro de 2015

SOBRE O COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS

Somos um coletivo surgido em 2010, depois de presenciarmos a chegada dos restos mortais do militante político assassinado, Bergson Gurjão Farias, 37 anos após seu desaparecimento pela Ditadura. Participarmos da cerimônia de velamento do corpo de Bergson e observarmos que nossa cidade, Fortaleza-CE, sabia pouco sobre o fato e, pior, homenageava, com a nomeação de ruas, prédios públicos, mausoléus e até creches aqueles que fizeram desaparecer centenas de opositores do regime militar – diante dessa situação resolvemos criar um coletivo.

A partir de nossa precedente trajetória em militância política, junto ao ambiente de estudo no Curso de Artes Visuais do Instuto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, tivemos a ideia de atuar no espaço urbano de nossa cidade, com intervenções urbanas, esculachos, grafites, lambe-lambe, rádio livre e outras ações.

De lá pra cá, diversos vínculos foram estabelecidos. Conhecemos e nos aproximamos de familiares de mortos e desaparecidos políticos, procuramos nos articular com organizações de luta da pauta. Temos percorrido o Brasil e até outros países, como Argentina, aprimorando nossa luta pela justiça de transição. Estamos só no começo.

COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS
www.aparecidospolitcos.com.br
aparecidospoliticos@gmail.com
facebook.com/aparecidos.politicos
www.youtube.com/aparecidospoliticos
twitter.com/appoliticos

BIBLIOGRAFIA

BLISSET, Luther et al. Manual de la guerrilla de la comunicación. – 3. ed. Vírus Editorial, 2000.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1)

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos / Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos - Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

BRETON, André. Por uma arte revolucionária independente / Breton-Trotski; Patrícia Galvão... [et al] ; tradução de Carmem Sylvia Guedes, Rosa Maria Boaventura. - São Paulo : Paz e Terra : CEMAP, 1985.

GRUPO DE ARTE CALLEJERO. Pensamientos, prácticas y acciones del GAC.- 1. ed.- Buenos Aires : Tinta Limón, 2009.

GUEVARA, Che. A Guerra de Guerrilhas. 3. ed. São Paulo : Edições Populares, 1980.

LOPES, Cristiano Aguiar. Falta diversidade e sobra concentração na mídia brasileira. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed772_falta_diversidade_e_sobra_concentracao_na_midia_brasileira>. Acesso em: 9 fev. de 2015.

MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. Handbook of Urban Guerrilla Warfare. In: For the liberation of Brazil - Carlos Marighella. Translated by John Butt and Rosemary Sheed. Penguin Books, 1971. 191p.

__________________. Manual do guerrilheiro urbano e outros textos. Lisboa: Assírio & Alvim, 1975. 111p.

__________________. Minimanual do guerrilheiro urbano. São Paulo: Sabotagem, 1969.

PROJETO BRASIL NUNCA MAIS. Brasil Nunca Mais. São Paulo : Editora Vozes, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005. 72p.

ROSAS, Ricardo. Nome: Coletivos, Senha: Colaboração. Disponível em: <https://catadores.wordpress.com/2008/05/31/nome-coletivos-senha-colaboracao-ricardo-rosas/> Acesso em: 9 fev. de 2015.

SAFATLE, Vladimir. Do uso da violência contra o Estado ilegal. In: SAFATLE, Vladimir; TELES, Edson (orgs). O que Resta da Ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOVIMENTOS SOCIAIS, ORGANIZAÇÕES E INICIATIVAS RECOMENDADAS

Armazém Memória: Um resgate coletivo da história – visando colaborar para o desenvolvimento de políticas públicas, que possam garantir ao cidadão brasileiro o acesso à sua memória histórica. armazemmemoria.com.br

Arpilleras da Resistência Chilena: A Arpillera é uma técnica têxtil chilena que possui raízes numa antiga tradição popular iniciada por um grupo de bordadeiras de Isla Negra, localizada no litoral central chileno. arpillerasdaresistencia.wordpress.com

Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ): Documentos doados por particulares vinculados a organizações partidárias e/ou ao movimento sindical, ou ainda, resultados de pesquisas acadêmicas. http://www.ifcs.ufrj.br/~amorj/

Arquivo Edgard Leuenroth: www.ael.ifch.unicamp.br/site_ael/

Associação dos Torturados da Guerrilha do Araguaia: camponesesdoaraguaia.blogspot.com.br

Brasil: Nunca Mais: O projeto *Brasil: Nunca Mais - BNM* foi desenvolvido pelo Conselho Mundial de Igrejas e pela Arquidiocese de São Paulo nos anos oitenta, sob a coordenação do Rev. Jaime Wright e de Dom Paulo Evaristo Arns. bnmdigital.mpf.mp.br

Campanha Cumpra-se: A Campanha CUMPRA-SE é um esforço cidadão de indivíduos, coletivos, entidades e movimentos sociais, para que a sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos seja cumprida integralmente, visando a afirmação dos direitos humanos no Brasil. cumpra-se.org

Campanha Para que não se esqueça: Campanha com vasto material multimídia. memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/campanha

Cartazes dessa História: "Os cartazes desta história", livro que reúne manifestações políticas da América Latina em prol dos Direitos Humanos. A obra é parte do projeto "Resistir é Preciso…", que resgata a memória da resistência contra a ditadura. resistirepreciso.org.br/os-cartazes-desta-historia/

Cartografias da Ditadura: Reunindo os mais diversos materiais produzidos neste campo temático, esta cartografia é uma ferramenta de valor pedagógico que objetiva fomentar a conexão entre as lutas e as violações do passado e do presente, bem como transmitir para as gerações de hoje e para as próximas o absurdo da violência institucional. cartografiasdaditadura.org.br

Coletivo Político QUEM: Resgatar, atualizar e reconfigurar manifestações artísticas de resistência à ditadura? quemtorturou.wordpress.com

Coletivo RJ Pela Memória, Verdade e Justiça: Um espaço do qual participam diferentes entidades, movimentos e pessoas. Tem como proposição desenvolver atividades/ações relacionadas ao campo da Memória, Verdade e Justiça <coletivorj.blogspot.com.br

Comissão da Verdade da Democracia "Mães de Maio": Pretende examinar e esclarecer graves violações de direitos humanos praticadas pelo Estado no período de democracia, após 1985. Entre outros casos, a comissão deverá examinar o massacre do Carandiru, ocorrido em 1992; os mais de 490 assassinatos cometidos na periferia de São Paulo, Santos e Guarulhos, em 2006, no episódio conhecido como Crimes de Maio; e o Massacre da Praça da Sé, em 2004. facebook.com/cvdademocraciamaesdemaio

Comissão da Verdade da Prefeitura de São Paulo: capital.sp.gov.br/portal/noticia/3766#ad-image-0

Comissão da Verdade da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): www4.direito.ufes.br/content/comiss%C3%A3o-da-verdade-da-ufes

Comissão da Verdade da USP: www5.usp.br/tag/comissao-da-verdade/

Comissão da Verdade da OAB/RJ: oabrj.org.br/memoria-e-verdade

Comitê da Verdade do Amazonas: comitedaverdade.blogspot.com.br

Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva": comissaodaverdade.org.br

Comissão da Verdade da PUC-SP: pucsp.br/comissaodaverdade

Comissão de Anistia do Ministério da Justiça: Criada em 2001, a Comissão analisa pedidos de indenização de ex-perseguidos políticos e realiza trabalho de memória em diversas áreas. portal.mj.gov.br/anistia

Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder Câmara (Pernambuco): cepedocumento.com.br/comissao-verdade.html

Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória (Paraíba): cev.pb.gov.br

Comissão Estadual da Verdade (Rio de Janeiro): cev-rio.org.br/

Comissão Estadual da Verdade (Rio Grande do Sul): comissaodaverdade.rs.gov.br

Comissão Nacional da Verdade Brasil: criada pela Lei 12528/2011 e instituída em maio de 2012, ela teve por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos, praticadas por agentes públicos, ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. cnv.gov.br

Comitê da Verdade, Memória e Justiça no Ceará: comiteverdadece.blogspot.com.br

Comitê Gaúcho da Verdade, Memória e Justiça: comitedaverdadeportoalegre.wordpress.com

Cordão da Mentira: Composto por coletivos políticos, grupos de teatro e sambistas de diversos grupos e escolas de São Paulo, o Cordão da Mentira discutirá, de modo bem humorado e radical, de quem são os interesses que bloqueiam uma real transformação da sociedade brasileira. cordaodamentira.milharal.org

Desaparecidos Políticos: O objetivo é divulgar as investigações sobre as mortes, a localização dos restos mortais das vítimas da ditadura e identificar os responsáveis pelos crimes de tortura, homicídio e ocultação dos cadáveres de dezenas de pessoas durante o período da ditadura desaparecidospoliticos.org.br

Dhnet – Rede Direitos Humanos: Materiais variados sobre direitos humanos. dhnet.org.br

Documentos Revelados: resultado de anos de garimpagem nos arquivos estaduais e arquivo da Delegacia da Polícia Federal de Foz do Iguaçu, de vasculhar caixas e pastas AZ, repletas de mandados de prisão, informes, radiogramas, ofícios recebidos e expedidos, dossiês, relatórios,etc. documentosrevelados.com.br

Escuta – Espaço Cultural: Trabalho de educação de base desenvolvido por jovens, religiosos, leigos e missionários da Comunidades Eclesiais de Base-CEB na Favela da Fumaça, hoje, Comunidade Frei Tito de Alencar em Fortaleza-CE. blogdoescuta.blogspot.com.br

Espacio Memoria y Derechos Humanos – Argentina: se establece en el predio donde la Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA) funcionó durante la dictadura cívico militar (1976-1983) como uno de los emblemáticos centros clandestinos de detención, tortura y exterminio. espaciomemoria.ar

Fórum Direito à Memória e à Verdade do Estado do Espírito Santo: facebook.com/fmves

Fórum Paranaense de Resgate da Memória, Verdade e Justiça: forumverdade.ufpr.br

Frente de Esculacho Popular: Justiça e Punição para todos responsáveis e co-responsáveis, civis e militares pelo extermínio na ditadura militar. Pelo fim da farsa da Lei da Anistia para torturadores. fep.milharal.org

Frente Independente pela Memória, Verdade e Justiça – MG: frentemvj.blogspot.com.br/

Grupo de Arte Callejero – Argentina: Coletivo de Arte Urbana da Argentina que realiza escraches e intervenções urbanas. grupodeartecallejero.blogspot.com.br

Grupo Tortura Nunca Mais – SP: informar e apoiar a mobilização sobre temas relativos à denúncia e combate à tortura, defesa dos direitos humanos e de combate à criminalização dos movimentos sociais. torturanuncamais-sp.org/site

HIJOS – Argentina: (Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio) es una agrupación creada en 1995, a partir la necesidad de juntarnos, reivindicar la lucha de nuestros padres y sus compañeros, buscar a nuestros hermanos apropiados. hijos-capital.org.ar

Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos Mercosul: O IPPDH favorece a coordenação regional e o intercâmbio de experiências nacionais relativas aos processos de memória,

verdade, justiça e reparação por graves violações aos direitos humanos cometidas durante as ditaduras nos países do MERCOSUL e Estados associados. ippdh.mercosur.int/pt-br

Instituto Vladimir Herzog: tem a missão de contribuir para a reflexão e a produção de informações que garantam o direito à vida e à justiça. vladimirherzog.org

João e Maria.doc: produz documentários históricos, de registro e resgate da memória, com um viés social e político. Tem esse nome bem brasileiro, porque se debruça principalmente sobre a história e identidade do nosso país. joaoemariadoc.com

Kiwi Companhia de Teatro: Um dos objetivos do grupo responde à necessidade de, simultaneamente, fazer e pensar o teatro, contribuindo para a construção de pensamento crítico à respeito da sociedade brasileira. kiwiciadeteatro.com.br

Londres 38 – Chile: Ex-centro de Detenção em Santiago busca contribuir al conocimiento y transmisión de las memorias e historia de este lugar, de sus protagonistas y de las experiencias de lucha y resistencia relacionadas. londres38.cl

Madres y Familiares de Uruguayos Detenidos Desaparecidos: un grupo de madres y familiares de uruguayos detenidos desaparecidos que desde los años ´70 nos empezamos a juntar para buscarlos, aún con la esperanza de encontrarlos vivos. familiaresdedesaparecidos.blogspot.com.br

Memoria Abierta: trabaja para aumentar el nivel de información y conciencia social sobre el terrorismo de Estado y para enriquecer la cultura democrática.memoriaabierta.org.ar

Memória Cine Br: Você poderá descobrir mais de quatorze mil documentos entre processos de censura, material de imprensa e relatórios do DEOPS de 444 filmes brasileiros. memoriacinebr.com.br

Memórias da Ditadura: Portal para difundir em larga escala conteúdos sobre esse período é um compromisso para com as novas gerações, reunindo informações de relevância para uma aproximação inicial, porém abrangente e consistente, a partir de conteúdos apresentados em várias mídias memoriasdaditadura.org.br

Memorial da Resistência de São Paulo: É uma instituição dedicada à preservação de referências das memórias da resistência e da repressão políticas do Brasil republicano (1889 à atualidade) por meio da musealização de parte do edifício que foi sede do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). memorialdaresistenciasp.org.br

Memórias Reveladas: O Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil, denominado "Memórias Reveladas", foi institucionalizado pela Casa Civil da Presidência da República e implantado no Arquivo Nacional com a finalidade de reunir informações sobre os fatos da ditadura militar. memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br

Mostra Virtual de Vídeos Brasil Nunca Mais: Mais de 200 documentários e filmes sobre a temática. youtube.com/playlist?list=PLzC4rq-1oifyjY8mTIIn6UhYvmGQxhlzk

Museo de la Memoria y los Derechos Humanos – Chile: un espacio destinado a dar visibilidad a las violaciones a los derechos humanos cometidas por el Estado de Chile entre 1973 y 1990 museodelamemoria.cl

Niterói pela Memória, Verdade e Justiça: facebook.com/NiteroiPelaVerdade

Núcleo Memória: Suas atividades consistem na promoção de políticas públicas nas questões referentes à Memória Política, na defesa dos Direitos Humanos e em ações educativas nessas áreas. nucleomemoria.org.br

Ocupa Dops: Coletivo constituído por grupos, entidades de direitos humanos e militantes autônomos reunidos em torno da pauta da transformação do prédio do antigo DOPS em um espaço de memória. ocupa-dops.blogspot.com.br/

Paulo Fonteles Filho: A morte não é verdade quando se cumpre bem o papel da vida (José Martí) paulofontelesfilho.blogspot.com.br

Peça de Teatro Filha da Anistia: "Filha da Anistia" conta a história de uma jovem que parte em busca do pai que nunca conhecera e acaba descobrindo um passado de mentiras e omissões, forjado durante os anos de chumbo no Brasil. filhadaanistia.blogspot.com

Projeto Adeus Boilesen: Somos um grupo de estudantes que está organizando, com os moradores da rua Henning Boilesen, um abaixo-assinado para mudar o nome da rua para alguém

que de fato mereça uma homenagem. Junte-se a nós! Email: adeusboilesen@gmail.com – facebook.com/ProjetoAdeusBoilesen

RUA! Tanq Rosachoq: Projeto realizado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo com direção de Tata Amaral e produção da Tangerina Entretenimento. https://www.youtube.com/watch?v=4a_f3deIBe0

Stolperstein – Gunter Demnig: é um projeto do artista plástico Gunter Demnig oriundo de Berlim, que tem como objetivo criar monumentos memoriais para relembrar as vítimas do nazismo mortos durante as deportações, nos campos de concentração ou por escolherem o suicídio. stolpersteine.com

Tortura Nunca Mais-RJ: O Grupo Tortura Nunca Mais/RJ foi fundado em 1985 por iniciativa de ex-presos políticos que viveram situações de tortura durante o regime militar e por familiares de mortos e desaparecidos políticos.torturanuncamais-rj.org.br

Transicional Justice: "Transitional Justice in Brazil" is a blog supported by the CELT program and the Stone Center for Latin American Studies at Tulane University. transitionaljusticeinbrazil.com

Videoteca Digital: Série de videos sobre a anistia e os crimes de lesa-humanidade. http://www.armazemmemoria.com.br/cdroms/videotecas/bnm/dossies%20virtuais/Anistia/09DossieAnistia.htm

OUTRAS RECOMENDAÇÕES

- actipedia.org
- adbusters.org
- anarco-sabo.blogspot.com.br
- archivografico.auditoriocheguevara.org
- argentinaarde.org.ar
- apionline.org
- apublica.org/
- artelibertaria.wordpress.com
- artisticactivism.org
- asar-oaxaca.blogspot.com.br
- baixacultura.org
- billboardliberation.com
- bomjardimtv.com.br/
- calendario.sarava.org/pt-br
- carosamigos.terra.com.br
- clownarmy.org
- coletivocamaradas.blogspot.com.br
- coletivofiledepeixe.com
- coletivotransverso.blogspot.com.br
- comandocreativo.org
- cpp.panoramafestival.com
- copyfight.tk
- critical-art.net
- direitoacomunicacao.org.br
- donosdamidia.com.br
- enmedio.info
- facebook.com/ArteEstado
- flo6x8.com
- frente3defevereiro.com.br
- giabahia.blogspot.com.br
- grupoacidum.art.br
- grupoexpressoeshumanas.blogspot.com.br
- grupoetcetera.wordpress.com
- gruporisco.org
- guerrillagirls.com
- iconoclasistas.net
- kidultone.com
- labemba.com.ar/web
- laborarts.org
- labofii.net
- latuffcartoons.wordpress.com
- levante.org.br
- lutherblissett.net
- maesdemaio.blogspot.com
- malla.espora.org
- mediasana.org
- meiofiopesquisaacao.blogspot.com
- memetro.net
- midiaindependente.org
- mujerespublicas.com.ar
- muralharubronegrabrasil.blogspot.com
- ninja.oximity.com
- notanalternative.net
- passapalavra.info
- poro.redezero.org
- radiocordel-libertario.blogspot.com
- radiolivre.org
- reciferesiste.org
- reticenciascritica.com
- rnma.org.ar/nv/index.php
- russiasovieticaemcartaz.tumblr.com
- sindominio.net/fiambrera/007/ymng/index.htm
- teatromaquina.com
- theyesmen.org
- traficantes.net
- uninomade.net
- vozdailha.radiolivre.org
- xibe.radiolivre.org
- wokitoki.org
- womenartrevolution.com
- wumingfoundation.com/english/wumingblog
- zagaiaemrevista.com.br

ANEXO 1

Lista dos 377 militares, policiais e ex-agentes que atuaram, diretamente ou indiretamente, na repressão política publicada no Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (Lei 12.528/2011)

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
Abeylard de Queiroz Orsini	○			Legista	Autoria direta
Abílio Correa de Souza			●	Suboficial da Aeronáutica	Autoria direta
Adalberto de Barros Nunes			●	Ministros da Marinha	Político-institucional
Ademar Augusto de Oliveira		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
Adhemar de Queirós			●	Ministros da Guerra/do Exército	Político-institucional
Adolpho Corrêa de Sá e Benevides	○			Diplomata	Gestão de estruturas
Adyr Fiuza de Castro			●	Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Ailton Guimarães Jorge	○			Polícia do Exército	Autoria direta
Ailton Joaquim			●	Capitão do Exército	Autoria direta
Alberi Vieira dos Santos			●	Sargento da Polícia Militar	Autoria direta
Alberto Octávio Conrado Avegno			●	CIEX	Autoria direta
Alcides Cintra Bueno Filho			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Alcides Singillo	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Alfredo Karam	○			Ministros da Marinha	Político-institucional
Alfredo Magalhães			●	Capitão de Mar e Guerra	Autoria direta
Aloísio Fernandes			●	Legista	Autoria direta
Álvaro de Rezende Rocha			●	Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Altair Casadei	○			Sargento da Polícia Militar	Autoria direta
Aluísio Madruga de Moura	○			Coronel do exército	Autoria direta
Amadeu Martire	○			General de brigada	Gestão de estruturas
Amaury Kruel			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Amílcar Lobo Moreira da Silva			●	Médico	Autoria direta
André Leite Pereira Filho			●	Coronel do exército	Autoria direta
Antônio Bandeira			●	General de Exército	Autoria direta
Antônio Carlos da Silva Muricy			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Antônio Cúrcio Neto	○			Coronel do exército	Autoria direta
Antônio Dácio Franco Amaral			●	Legista	Autoria direta
Antônio Fernando Hughes de Carvalho			●	DOI-CODI	Autoria direta
Antônio Ferreira Marques			●	General de Divisão	Gestão de estruturas
Antônio Frederico Motta Arentz	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Antônio Jorge Correa			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Antônio Valentini	○			Legista	Autoria direta
Antônio Vilela		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
Antônio Waneir Pinheiro Lima	○			Soldado do Exército	Autoria direta
Antônio da Silva Campos		●		Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Aníbal de Carvalho Coutinho	○			Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
Aparecido Laertes Calandra	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Aramis Ramos Pedrosa	○			Tenente do Exército	Autoria direta
Areski de Assis Pinto Abarca	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Argentino Teodoro Tavares	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Argus Lima			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Arildo de Toledo Viana	○			Legista	Autoria direta
Armando Avólio Filho	○			Coronel do exército	Autoria direta

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
Armando Canger Rodrigues	○			Legista	Autoria direta
Armando Patrício	○			General de Divisão	Gestão de estruturas
Arnaldo Siqueira		●		Legista	Autoria direta
Arthur da Costa e Silva			●	Presidentes da República	Político-institucional
Arthur de Britto Pereira			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Artur Falcão Dizeu		●		Polícia civil	Autoria direta
Ary Casaes Bezerra Cavalcanti	○			Coronel-aviador	Gestão de estruturas
Ary Casagrande	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Ary Pereira de Carvalho			●	Coronel do exército	Autoria direta
Astorige Correa de Paula e Silva	○			Polícia civil	Autoria direta
Átila Rohrsetzer	○			Coronel do exército	Autoria direta
Attila Carmelo	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Audir Santos Maciel	○			Coronel do exército	Autoria direta
Augusto Fernandes Maia			●	Coronel do exército	Autoria direta
Augusto Hamann Rademaker Grunewald			●	Presidentes da República	Político-institucional
Aurélio de Lyra Tavares			●	Presidentes da República	Político-institucional
Aylton Siano Baeta			●	Coronel-aviador	Gestão de estruturas
Benoni de Arruda Albernaz			●	Capitão do Exército	Autoria direta
Bento José Bandeira de Mello			●	General de Divisão	Gestão de estruturas
Breno Borges Fortes			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Carlos Afonso Dellamora			●	Chefe do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA)	Político-institucional
Carlos Alberto Augusto	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Carlos Alberto Brilhante Ustra	○			Coronel do exército	Autoria direta
Carlos Alberto Cabral Ribeiro			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Carlos Alberto Ponzi	○			Coronel do exército	Gestão de estruturas
Carlos Alberto da Fontoura			●	Chefes do Serviço Nacional de Informações (SNI)	Político-institucional
Carlos Eduardo Jordão Montenegro			●	Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Carlos Sergio Torres			●	Coronel do exército	Autoria direta
Carlos Teixeira Marra	○			Sargento da Polícia Militar	Autoria direta
Carlos Sergio Maia Mondaine		●		Coronel-Médico do exército	Autoria direta
Carlos Xavier de Miranda	○			General de Divisão	Gestão de estruturas
Carlos de Brito		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
Cecil de Macedo Borer			●	Delegado da polícia civil	Gestão de estruturas
Celso Lauria	○			Coronel do exército	Autoria direta
Clemente José Monteiro Filho			●	Capitão de Mar e Guerra	Autoria direta
Cláudio Antônio Guerra	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Confúcio Danton de Paula Avelino			●	Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Cyro Guedes Etchegoyen			●	Coronel do exército	Gestão de estruturas
Dalmo Lúcio Muniz Cyrillo			●	Coronel do exército	Autoria direta
Darcy Jardim de Matos	○			General de brigada	Gestão de estruturas
Darcy Ursmar Villocq Vianna			●	Coronel do exército	Autoria direta
David dos Santos Araújo	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Deoclécio Paulo	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Dilmar de Vasconcelos Rosa	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Dilson Lyra Branco Verçosa			●	Chefe do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA)	Político-institucional
Dirceu Gravina	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Dulene Aleixo Garcez dos Reis	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Décio Brandão Camargo			●	Legista	Autoria direta
Délio Jardim de Mattos			●	Ministros da Aeronáutica	Político-institucional
Edevarde José	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Edison Boscacci Guedes			●	Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Edmilson Almeida Cruz		●		Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Edmundo Drummond Bittencourt Herculano	○			Vice-almirante	Gestão de estruturas
Ednardo D'Avila Mello			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Edsel Magnotti	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Edson Sá Rocha	○			General de brigada	Autoria direta
Eduardo Gomes			●	Ministros da Aeronáutica	Político-institucional

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
Eduardo Rodrigues		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
Elias Freitas			●	Legista	Autoria direta
Elson Valeriano	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Emilio Garrastazú Medici			●	Presidentes da República	Político-institucional
Eni de Oliveira Castro		●		Coronel do exército	Gestão de estruturas
Ênio de Albuquerque Lacerda			●	Coronel do exército	Autoria direta
Ênio Pimentel da Silveira			●	Coronel do exército	Autoria direta
Enir Barcelos da Silva			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Epaminondas Pereira do Nascimento	○			Capitão da Polícia Militar	Autoria direta
Erar de Campos Vasconcelos			●	Coronel do exército	Autoria direta
Ernani Ayrosa da Silva			●	General de Divisão	Gestão de estruturas
Ernani Jorge Correa	○			General de brigada	Autoria direta
Ernesto Beckmann Geisel			●	Presidentes da República	Político-institucional
Ernesto Eleutério	○			Legista	Autoria direta
Ernesto Milton Dias	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Ernesto de Melo Batista			●	Ministros da Marinha	Político-institucional
Euro Barbosa de Barros	○			Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
Everaldo José da Silva		●		General de brigada	Gestão de estruturas
Ewaldo Miranda		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
Ezy Ramalho Feitosa		●		Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Ferdinando Muniz de Farias	○			Coronel-aviador	Autoria direta
Fernando Ayres da Motta.		●		Panair	Gestão de estruturas
Fernando Belfort Bethlem			●	Ministros da Guerra/do Exército	Político-institucional
Fernando Pessoa da Rocha Paranhos	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Firmiano Pacheco Netto			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Firmino Peres Rodrigues	○			Delegado da polícia civil	Gestão de estruturas
Floriano Aguilar Chagas			●	General de Divisão	Autoria direta
Floricio Fornaciari	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Flávio Hugo de Lima Rocha			●	Coronel do exército	Gestão de estruturas
Flávio de Marco			●	Coronel do exército	Autoria direta
Francisco Demiurgo Santos Cardoso	○			Coronel do exército	Autoria direta
Francisco Homem de Carvalho			●	Coronel do exército	Gestão de estruturas
Francisco Moacyr Meyer Fontenelle			●	Coronel do exército	Autoria direta
Francisco Torres Dutra	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Francisco de Assis Corrêa de Mello			●	Ministros da Aeronáutica	Político-institucional
Freddie Perdigão Pereira			●	Coronel do exército	Autoria direta
Frederico Ildefonso Marri Amaral	○			Legista	Autoria direta
Félix Freire Dias	○			Cabo do Exército	Autoria direta
Gastão Barbosa Fernandes	○			Major do Exército	Gestão de estruturas
Gastão Batista de Carvalho			●	Coronel do exército	Gestão de estruturas
Gentil Marcondes Filho			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Gentil Nogueira Paes	○			General de brigada	Gestão de estruturas
Geraldo Azevedo Henning			●	Ministros da Marinha	Político-institucional
Geraldo Rebello		●		Legista	Autoria direta
Geraldo de Araújo Ferreira Braga	○			Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Gilberto Airton Zenkner	○			Coronel do exército	Gestão de estruturas
Golbery do Couto e Silva			●	Chefes do Serviço Nacional de Informações (SNI)	Político-institucional
Gonçalino Curio de Carvalho		●		Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
Graccho Guimarães Silveira	○			Legista	Autoria direta
Gustavo Eugênio de Oliveira Borges	○			Coronel-aviador	Gestão de estruturas
Harim de Sampaio d'Oliveira			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Harry Shibata	○			Legista	Autoria direta
Haydn Prates Saraiva			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Herbert de Bastos Curado	○			Coronel do exército	Autoria direta
Herculano Leonel	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Herculano Pedro de Simas Mayer	○			Capitão de Mar e Guerra	Gestão de estruturas
Hilton Fernandes da Silva			●	Polícia civil	Autoria direta

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
Hilário José Corralis			●	Polícia Militar	Autoria direta
Homero César Machado	○			Coronel do exército	Autoria direta
Hugo Caetano Coelho de Almeida	○			Coronel do exército	Autoria direta
Hugo de Andrade Abreu			●	General de Divisão	Gestão de estruturas
Humberto Ribeiro Quintas	○			Polícia civil	Autoria direta
Humberto Serrano de Souza		●		Polícia civil	Autoria direta
Humberto de Alencar Castello Branco			●	Presidentes da República	Político-institucional
Hygino de Carvalho Hércules	○			Legista	Autoria direta
Hélio Ibiapina Lima			●	General de brigada	Autoria direta
Hélio da Mata Resende		●		Tenente do Exército	Gestão de estruturas
Innocêncio Fabrício de Mattos Beltrão	○			Major do Exército	Autoria direta
Iris Lustosa de Oliveira	○			Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Isaac Abramovitc			●	Legista	Autoria direta
Ivahir Freitas Garcia			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Jacy Ochsendorf e Souza	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Jair Romeu			●	Legista	Autoria direta
Jamil Jomar de Paula	○			Tenente do Exército	Autoria direta
Jayr Gonçalves da Motta			●	Polícia Federal	Autoria direta
Jeovah Silva		●		Polícia civil	Autoria direta
Joalbo Rodrigues de Figueiredo Barbosa	○			Secretaria da Segurança Pública	Gestão de estruturas
Joaquim Felix de Carvalho	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Joaquim Januário de Araújo Coutinho Netto	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Joelmir Campos de Araripe Macedo			●	Ministros da Aeronáutica	Político-institucional
Jonas Braga		●		Tenente do Exército	Autoria direta
Jonas Fontinelli		●		Major do Exército	Autoria direta
Jorge Francisco Inácio			●	Polícia civil	Autoria direta
Jorge José Marques Sobrinho			●	Delegado da polícia civil	Gestão de estruturas
Jorge José de Carvalho	○			Tenente-brigadeiro	Gestão de estruturas
Jorge Nunes Amorim	○			Legista	Autoria direta
Josecir Cuoco	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
José Alves Assunção Menezes			●	Legista	Autoria direta
José Anselmo dos Santos	○			Marinheiro	Autoria direta
José Antônio Nogueira Belham	○			General de Divisão	Gestão de estruturas
José Antônio de Mello	○			Legista	Autoria direta
José Bartolomeu Lemos Gibson			●	Promotor de Justiça	Autoria direta
José Benedito Montenegro de Magalhães Cordeiro	○			Major do Exército	Autoria direta
José Brant Teixeira	○			Coronel do exército	Autoria direta
José Carlos Campos Filho		●		Polícia civil	Autoria direta
José Cirilo Borges	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
José Conegundes do Nascimento	○			Tenente do Exército	Autoria direta
José Felix Gaspar	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
José Ferreira da Silva		●		Coronel do exército	Gestão de estruturas
José Geraldo Ciscato	○			Legista	Autoria direta
José Gomes Vidal	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
José Gonçalves Dias		●		Legista	Autoria direta
José Guilherme Figueiredo	○			Legista	Autoria direta
José Henrique da Fonseca			●	Legista	Autoria direta
José Lino Coutinho da França Netto	○			Médico	Autoria direta
José Luiz Coelho Netto			●	General de Divisão	Gestão de estruturas
José Manoel Pereira		●		Sargento do Exército	Autoria direta
José Maria Francisco	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
José Morsch	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
José Nei Fernandes Antunes	○			Coronel do exército	Autoria direta
José Oliveira Silvestre		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
José Pereira de Vasconcellos	○			Polícia civil	Autoria direta
José Rodrigues	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
José de Ribamar Santos	○			Sargento da Polícia Militar	Autoria direta

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
José do Bonfim Pinto	○			Segundo-Sargento da Polícia Militar	Autoria direta
João Alves de Souza		●		Segundo-tenente da Polícia Militar	Autoria direta
João André Dias Paredes			●	Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
João Baptista de Oliveira Figueiredo			●	Presidentes da República	Político-institucional
João Carlos Tralli			●	Polícia civil	Autoria direta
João Clementino Silva	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
João Câmara Gomes Carneiro	○			Capitão do Exército	Autoria direta
João Dutra de Castilho			●	General de Exército	Gestão de estruturas
João Grigorian		●		Legista	Autoria direta
João Guilherme Figueiredo	○			Legista	Autoria direta
João Henrique Ferreira de Carvalho	○			Médico	Autoria direta
João Lucena Leal	○			Delegado da polícia federal	Autoria direta
João Medeiros	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
João Oswaldo Leivas Job	○			Coronel do exército	Gestão de estruturas
João Pagenotto	○			Legista	Autoria direta
João Paulo Moreira Burnier			●	Brigadeiro do ar	Gestão de estruturas
João Pedro do Rego	○			Subtenente do Exército	Autoria direta
João Pinto Pacca	○			General de brigada	Autoria direta
João Rodrigues Pinheiro		●		Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
João Santa Cruz Sacramento	○			Sargento do Exército	Autoria direta
João Tarcísio Cartaxo Arruda			●	Coronel do exército	Gestão de estruturas
João de Alvarenga Soutto Mayor	○			General de brigada	Gestão de estruturas
Jurandir Gomes de Carvalho	○			Polícia Militar	Autoria direta
Jurandyr Ochsendorf e Souza	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Jáder de Jesus Coutinho			●	Capitão de Mar e Guerra	Autoria direta
Júlio Roberto Cerdá Mendes	○			Coronel do exército	Autoria direta
Júlio Saboya de Araújo Jorge	○			Capitão de Corveta	Autoria direta
Lenilso Tabosa Pessoa			●	Legista	Autoria direta
Leo Guedes Etchegoyen			●	General de brigada	Gestão de estruturas
Leuzinger Marques Lima	○			Coronel-aviador	Autoria direta
Leônidas Pires Gonçalves	○			General de Exército	Gestão de estruturas
Lindolpho Rodrigues Coelho	○			Polícia Militar	Autoria direta
Lourival Gaeta			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Luis Martins de Miranda Filho			●	Polícia civil	Autoria direta
Luiz Alves Ferreira		●		Legista	Autoria direta
Luiz Arthur de Carvalho	○			Coronel do exército	Autoria direta
Luiz Augusto Paraguassu de Sá			●	Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Luiz Carlos Menna Barreto			●	Coronel do exército	Autoria direta
Luiz Ferreira Barros	○			Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
Luiz Macksen de Castro Rodrigues			●	Polícia Federal	Gestão de estruturas
Luiz Mário Valle Correia Lima	○			Coronel do exército	Autoria direta
Luiz Shinji Akaboshi	○			Sargento do Exército	Autoria direta
Luiz Soares de Souza Rocha			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Luiz Timótheo de Lima	○			Polícia civil	Autoria direta
Luís Felippe Carneiro de Lacerda Netto			●	Chefe do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA)	Político-institucional
Léo Frederico Cinelli	○			Coronel do exército	Autoria direta
Lício Augusto Ribeiro Maciel	○			Coronel do exército	Autoria direta
Lúcio Valle Barroso	○			Coronel-aviador	Autoria direta
Manoel Pio Corrêa Júnior			●	Diplomata	Gestão de estruturas
Marco Antonio Povolleri	○			Cabo do Exército	Autoria direta
Marco Aurélio da Silva Reis		●		Delegado da polícia civil	Autoria direta
Marcos Henrique Camillo Cortes	○			Diplomata	Gestão de estruturas
Marcos de Almeida		●		Legista	Autoria direta
Marcus Antônio Brito de Fleury			●	Capitão do Exército	Gestão de estruturas
Mario Borges		●		Polícia civil	Autoria direta
Mario Espedito Ostrovski	○			Tenente do Exército	Autoria direta
Mario Santalucia			●	Legista	Autoria direta

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
Maurício José de Freitas		●		Polícia Federal	Autoria direta
Maurício Lopes Lima	○			Tenente-Coronel do Exército	Autoria direta
Maximiano Eduardo da Silva Fonseca			●	Ministros da Marinha	Político-institucional
Melillo Moreira de Mello			●	Diplomata	Gestão de estruturas
Miguel Cunha Lanna	○			Coronel-aviador	Autoria direta
Milton Souto da Silva	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Milton Tavares de Souza.			●	Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Moacir Gomes de Almeida		●		Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Murilo Fernando Alexander	○			Coronel do exército	Autoria direta
Márcio de Souza e Mello			●	Presidentes da República	Político-institucional
Mário Nelson Matte	○			Legista	Autoria direta
Mário Orlando Ribeiro Sampaio	○			Chefes do Centro de Informações do Exército (CIE)	Político-institucional
Mário de Souza Pinto		●		General de brigada	Gestão de estruturas
Nelson Costa		●		Polícia civil	Autoria direta
Nelson Freire Lavenére Wanderley			●	Ministros da Aeronáutica	Político-institucional
Nereu de Mattos Peixoto	○			Brigadeiro do ar	Autoria direta
Newton Araújo de Oliveira e Cruz	○			General de Divisão	Gestão de estruturas
Newton Jerônimo Gibson Duarte Rodrigues	○			Comando de Caça aos Comunistas (CCC)	Autoria direta
Newton Vassalo da Silva			●	Chefe do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA)	Político-institucional
Ney Armando de Mello Meziat	○			Coronel do exército	Autoria direta
Nilo Caneppa da Silva	○			General do Exército	Autoria direta
Nilo Hervelha		●		Polícia civil	Autoria direta
Nilton de Albuquerque Cerqueira	○			Polícia Militar	Autoria direta
Octávio Aguiar de Medeiros			●	Chefes do Serviço Nacional de Informações (SNI)	Político-institucional
Odeíno Gomes da Silva	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Odilon Lima Cardoso	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Olavo Vianna Moog			●	General de Divisão	Gestão de estruturas
Olinto Ferraz	○			Coronel da Polícia Militar	Gestão de estruturas
Olympio Pereira da Silva			●	Legista	Autoria direta
Onildo Benicio Rogeno	○			Legista	Autoria direta
Orlando Beckmann Geisel			●	Ministros da Guerra/do Exército	Político-institucional
Orlando José Bastos Brandão	○			Legista	Autoria direta
Oscar Geronymo Bandeira de Mello	○			General de Divisão	Gestão de estruturas
Osvaldo Ferrarez de Castro	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Otávio D'Andrea	○			Legista	Autoria direta
Otávio Gonçalves Moreira Júnior			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Otávio Rainolfo da Silva	○			Polícia civil	Autoria direta
Paulo Augusto de Queiroz Rocha	○			Legista	Autoria direta
Paulo Bordini			●	Sargento da Polícia Militar	Autoria direta
Paulo Bosísio			●	Ministros da Marinha	Político-institucional
Paulo Malhães			●	Coronel do exército	Autoria direta
Paulo Rosa		●		Polícia Federal	Autoria direta
Paulo Rufino Alves			●	Coronel do exército	Autoria direta
Paulo Sérgio Nery			●	Diplomata	Autoria direta
Pedro Antônio Mira Grancieri	○			Polícia civil	Autoria direta
Pedro Carlos Seelig	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Pedro Correa Cabral	○			Coronel-aviador	Autoria direta
Pérsio José Ribeiro Carneiro	○			Legista	Autoria direta
Raul Nogueira de Lima	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Raymundo Ronaldo Campos	○			Coronel do exército	Autoria direta
Redivaldo Oliveira Acioly	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Renato D'Andréa	○			Delegado da polícia civil	Autoria direta
Renato Sergio Lima Cappelano	○			Legista	Autoria direta
Renato de Miranda Monteiro	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Ricardo Agnese Fayad	○			General de brigada	Autoria direta
Riscala Corbage	○			Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
Roberto Andrade Magalhães			●	Legista	Autoria direta

NOME	VIVO	INCERTO	MORTO	OCUPAÇÃO	RESPONSABILIDADE
Roberto Artoni			●	Capitão do Exército	Autoria direta
Roberto Augusto de Mattos Duque Estrada	○			Capitão do Exército	Autoria direta
Roberto Blanco dos Santos	○			Legista	Autoria direta
Roberto Ferreira Teixeira de Freitas			●	Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Roberto Hipólito da Costa			●	Brigadeiro do ar	Autoria direta
Rogério Matos do Nascimento	○			Comando de Caça aos Comunistas (CCC)	Autoria direta
Romeu Tuma			●	Delegado da polícia civil	Gestão de estruturas
Rubem Otero	○			Segundo-sargento da Marinha	Autoria direta
Ruben do Nascimento Paiva			●	General do Exército	Autoria direta
Rubens Cardozo de Mello Tucunduva			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Rubens Gomes Carneiro	○			Sargento do Exército	Autoria direta
Rubens Paim Sampaio	○			Coronel do exército	Autoria direta
Rubens Pedro Macuco Janini			●	Legista	Autoria direta
Rubens Robine Bizerril	○			Major do Exército	Autoria direta
Ruy Lisbôa Dourado			●	Delegado da polícia civil	Gestão de estruturas
Ruy de Paula Couto	○			General de Exército	Gestão de estruturas
Rível Gomes da Rocha	○			Polícia civil	Autoria direta
Salim Raphael Balassiano	○			Legista	Autoria direta
Samuel Augusto Alves Correa	○			Estado Maior do Exército	Gestão de estruturas
Samuel Haberkom	○			Legista	Autoria direta
Sandoval de Sá	○			Legista	Autoria direta
Sebastião Alvim		●		Coronel do exército	Autoria direta
Sebastião Curió Rodrigues de Moura	○			Coronel do exército	Autoria direta
Sebastião Cândido	○			Soldado da Polícia Militar	Autoria direta
Sebastião José Ramos de Castro	○			General de Exército	Autoria direta
Sebastião de Oliveira e Souza	○			Coronel da Polícia Militar	Autoria direta
Sergio Belmiro Acovesta	○			Legista	Autoria direta
Sylvio Couto Coelho da Frota			●	Ministros da Guerra/do Exército	Político-institucional
Syzeno Ramos Sarmento			●	General de Exército	Gestão de estruturas
Sérgio Fernando Paranhos Fleury			●	Delegado da polícia civil	Autoria direta
Sérgio Tavares Doherty	○			Chefes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar)	Político-institucional
Sérgio de Oliveira		●		Legista	Autoria direta
Tamotu Nakao	○			Polícia Militar	Autoria direta
Thacyr Omar Menezes Sia			●	Polícia civil	Autoria direta
Thaumaturgo Sotero Vaz	○			General de brigada	Autoria direta
Ubirajara Ribeiro de Souza	○			Subtenente do Exército	Autoria direta
Uriburu Lobo da Cruz	○			Capitão de Mar e Guerra	Gestão de estruturas
Valter da Costa Jacarandá	○			Corpo de Bombeiros	Autoria direta
Vasco Elias Rossi	○			Legista	Autoria direta
Vicente de Paulo Dale Coutinho			●	Ministros da Guerra/do Exército	Político-institucional
Waldyr Coelho			●	Coronel do exército	Autoria direta
Walter Pires de Carvalho e Albuquerque			●	Ministros da Guerra/do Exército	Político-institucional
Walter Sayeg	○			Legista	Autoria direta
Wilson Brandi Romão	○			Coronel do exército	Gestão de estruturas
Wilson Luiz Chaves Machado	○			Coronel do exército	Autoria direta
Ydyno Sardenberg Filho	○			Coronel do exército	Autoria direta
Zilmar Campos de Araripe Macedo			●	Ministros da Marinha	Político-institucional
Zuiderzee Nascimento Lins	○			Coronel do exército	Autoria direta

AGRADECIMENTOS

■ **AOS QUE FIZERAM PARTE DO COLETIVO |** Daniel Muskito, Monyque Barretho, Solange Pitombeira, Ton Almeida e Viviane Tavares

■ **ÀS ORGANIZAÇÕES |** Agência Adital, Associação Anistia 64/68, Associação dos Torturados da Guerrilha do Araguaia (PA), Banco de Dados em Artes, Campanha Para Expressar a Liberdade, Centro Acadêmico Caldeirão - História UECE, Centro Acadêmico Frei Tito - História UFC, Centro de Investigaciones Artísticas (Argentina), Centro de Mídia Independente, Cia Caros Amigos de Teatro, Cine Molotov, Cineclube Unifor, Cinema pela Verdade – ICEM, Coletivo Camaradas, Coletivo In(ter)venções Audiovisuais das Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, Coletivo Político QUEM (SP), Coletivo Recife Resiste (PE), Coletivo Soul, Comando Creativo (Venezuela), Comissão da Anistia, Comissão dos Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, Comissão Especial de Anistia Vanda Sidou, Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, Comissão Nacional da Verdade, Comitê Memória, Verdade e Justiça (DF) e (CE), Comitê pela Desmilitarização da Polícia e da Política, Cordão da Mentira (SP), Crítica Radical, Dança no Andar de Cima, DW Deutsche Welle (Alemanha), En Medio (Espanha), Escambo Cultural (PE), Escuta Frei Tito, Espacio Memoria y Derechos Humanos (Ex-Esma-Argentina), Federação dos Estudantes de Agronomia, Fluxo Coletivo, Frente do Esculacho Popular, Fundação Maurício Grabóis, Galeria Janete Costa, Grupo de Arte Callejero (Argentina), Grupo Tortura Nunca Mais, Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio (Argentina), Hipogriffo, Instituto de Estudos da Religião, Instituto Frei Tito de Alencar, Jornal A Nova Democracia, Kiwi Cia de Teatro (SP), Levante Popular da Juventude, Meio Fio Pesquisa-ação, Memorial da Anistia Política do Brasil, Memorial da Resistência (CE), Memória da Resistência (SP), Movimento Debate e Ação, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Movimento Todo Teatro é Político, Nigéria Audiovisual, OcupaDOPS (RJ), Organização Resistência Libertária, Plebeu Gabinete de Leitura, Rede Brasil Memória, Verdade e Justiça, Rede Estudantil Combativa e Classista, Rede Nacional dos/das Advogados/as Populares, Revista Reticências Crítica de Arte, Rádio Muda (SP), Rádio Universitária FM, Sociedade dos Poetas do Porvir (PI), Teatro Máquina, Turma Curso Ativismo Criativo de 2013, TV Assembléia – Programa Questão de Ordem, TV Bom Jardim, TV Câmara - Programa Câmara Ligada, TV O Povo - Programa Coletiva, TV Pirambu, Zagaia, Zineteca de Fortaleza

■ **ÀS PESSOAS |** Acua Uchoa, Adalgisa Moraes da Silva, Adelaide Gonçalves, Adriana Martins, Alexandra Duarte, Aline Furtado, Aluizio Ferreira Palmar, Alípio Freire, Amanda Nogueira, Amanda Sampaio, Amy Rice Cabrera, Ana Arraes, Ana Cecília Soares, Ana Raquel Teixeira Bastos, Ana Raquel Teixeira, Ana Vládia Holanda Cruz, André Reis Lima, Anita Leocádia Prestes, Ariadne Sakkis, Arnaldo Fernandes, Bartira Albuquerque, Benedito Bizerril, Betinho Duarte, Brad Will (em memória), Breno Moroni, Bruno Costa,

Cacau Serra Azul, Camila Garcia, Carlos Latuff, Carlos Mourão, Carol Proner, Carolina Campos, Cartaxo Arruda Júnior, Cata Rina Pedroso, Clara de Freitas Figueiredo, Cláudio Silva Filho, Cristiane Pascoal, Célio Albuquerque, Daniele Negreiro, Dario Cintra de Negreiros, Demitri Túlio, Dimitri Nóbrega, Duda Quadros, Eduardo e Ivo lopes, Eliane Novaes, Elisa Dassoler, Elisa Parente, Estenio Azevedo, Eugênia Siebra, Evandro Medeiros ,Fabiana Ximenes, Felipe Barreira, Fernanda Azevedo, Fernanda Meireles, Fernanda Nascimento, Fernando Pudim, Frederico Lopes, Fábio Franco, Gabriela Kremer Motta, Galba Gomes, Gilney Viana, Gioras Xerez, Guilherme Gitahy, Herbert Rolim de Souza, Herê Aquino, Homero Lima, Hébely Rebouças, Iana Soares, Iara Moura, Iara Pereira Xavier, Icaro Maia, Ielnia Johnson, Ivna Girão, Jaime Carimbé, Jana Alencar Euletério, Jane Martins, Joana Schroeder, José Machado Bezerra, José Maria Tabosa, Joyce Selena, João Alfredo Telles Melo, João Paulo Viera, Juliana Sant'Anna, Júlia Lopes, Júlio Lira, Júnior Pimenta, Leonardo Resende Martins, Lorena Fabrizia Bossi, Lorena Moroni Barroso, Lucia Vieira Caldas, Luciana Castro, Lúcio Araújo, Luiz Gonzaga Bezerra Martins (em memória), Lígia Costa, Lúcia Alencar, Marcela Belchior, Marcelo Santa Cruz, Marcelo Torelly, Marcelo Uchôa, Marcelo Zelic, Marcio Acselrad, Marcos Escrivão, Maria Carolina Bissoto, Maria Cristina Vannucchi Leme, Maria Luiza Fontenele, Maria Prestes, Mariana Cecilia Corral, Mariana Ratts, Marleide Rocha, Martine Kunz, Matheus Guimarães, Maurice Politi, Mayara de Araújo, Merces Castro, Messias Pontes (em memória), Michéas Almeida, Mirtes Semeraro de Alcântara Nogueira, Márcio Aguiar, Márcio Porto, Mário Albuquerque, Mário Magalhães, Matheus Marçal Ramos, Naara Vale, Nadia Carolina "Charro" Golder, Nani Silva, Nayla Uchôa, Nildes Alencar, Olga Damasceno, Oswald Barroso, Padre Haroldo (em memória), Paula Sacchetta, Paulo Abrão Pires Junior, Paulo Fonteles Filho, Paulo Renato Abreu, Paulo Rodrigues, Pedro Albuquerque, Pedro Russo, Philipe Ribeiro, Piloto Carcará, Prof. Gilberto Machado, Rafael Limaverde, Rafael Oliveira, Rafael Schinchariol, Rafaela Kalaffa, Ramé, Raquel Dantas, Raísa Zaratrusta, Rebecca Atencio, Renato Roseno, Renato Tapajós, Rita Sipahi, Roberto Monte, Rogério Morais, Romero Benevides, Rosa da Fonsêca, Rose Nogueira, Rosinha Arnt, Ruannito Ramos, Rômulo Costa, Sal, Sandra Helena de Souza, Sarah Fontenelle, Silvio Mota, Silvio Tendler, Siomaro Souza, Sylvio Gadelha, Sérgio Fujiwara, Tarcísio Leitão, Tatiana Félix, Thais de Campos, Thaíla Cavalcante, Thaís Barreto, Thaís Monteiro, Thaís Paz, Thiago Alex, Thiago Cruz, Tiago Régis, Tânia Gurjão Farias, Uirá dos Reis, Valdemar Menezes, Valderez Albuquerque, Valdir Alves Costa Filho, Valesca Capistrano ,Valmor Fischer, Valter Pinheiro, Vanesa Ianil Bossi, Vanéssia Gomes, Vera Vital Brasil, Vicente Monteiro, Vitor Studart, Vladimir Sacchetta, Wanessa Araújo, Washington Hemmes, Wendel Alves de Medeiros, Xico Aragão, Zuleica Brito Fischer, Zé da Onça, Zé Maria do Pirambu

■ E AOS NOSSOS FAMILIARES

Esta publicação é uma ressignificação do livro Minimanual do Guerrilheiro Urbano, do poeta e inimigo público nº 1 da ditadura, Carlos Marighella. O livro, quando publicado em 1969, serviu de mote para resistência de diversas organizações políticas e tornou-se referência internacional. Hoje, em outro contexto histórico, escrevemos este **Minimanual da Arte Guerrilha Urbana** com o objetivo de pensar táticas criativas para artistas e movimentos sociais demandarem do Estado brasileiro o cumprimento imediato das recomendações do relatório final da Comissão Nacional da Verdade.